

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**CONFLITO TERRITORIAL NO LAGO DO TRACAJÁ EM CAREIRO  
CASTANHO/AM: UMA ANÁLISE DAS DINÂMICAS  
SOCIOESPACIAIS A PARTIR DOS HOTÉIS DE SELVA**

**MANAUS  
2024**

# **SHAQUIRA CHERLEN ROCHA DE ALBUQUERQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado do Amazonas, curso de  
Licenciatura em Geografia para a obtenção do título de  
Licenciado em Geografia.

**Orientadora: Susane Patrícia Melo de Lima**

**MANAUS, 2024**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

A345cc Albuquerque , Shaquira Cherlen Rocha de  
Conflito Territorial No Lago do Tracajá em Careiro  
Castanho/Am: Uma Análise das Dinâmicas  
Socioespaciais a partir dos Hotéis de Selva / Shaquira  
Cherlen Rocha de Albuquerque . Manaus : [s.n], 2024.  
85 f.: color.; 30 cm.

TCC - Graduação em Geografia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Lima, Susane Patrícia Melo de

1. Amazônia . 2. Turismo . 3. Conflitos Territoriais .  
I. Lima, Susane Patrícia Melo de (Orient.). II.  
Universidade do Estado do Amazonas. III. Conflito  
Territorial No Lago do Tracajá em Careiro  
Castanho/Am: Uma Análise das Dinâmicas  
Socioespaciais a partir dos Hotéis de Selva

**SHAQUIRA CHERLEN ROCHA DE ALBUQUERQUE**

**Conflito territorial no Lago do Tracajá em Careiro Castanho/Am: uma  
análise das dinâmicas socioespaciais a partir dos hotéis de selva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do título de licenciada em Geografia

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susane Patrícia Melo de Lima

---

1º Avaliador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paulina Aguiar Soares

---

2º Avaliador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francilene Sales Da Conceição

Manaus, 16 de fevereiro de 2024

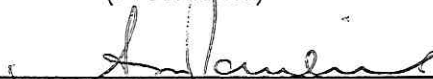
## CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Ata de apresentação oral de monografia da aluna **SHAQUIRA CHERLEN ROCHA DE ALBUQUERQUE** de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior em 16 de fevereiro de 2024.

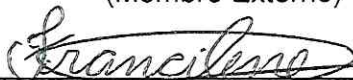
Ao décimo sexto dia do mês de fevereiro de 2024, às 14:00 horas, na sala 16 - Dalva Santiago da Escola Normal Superior, a aluna **SHAQUIRA CHERLEN ROCHA DE ALBUQUERQUE**, realizou a sua apresentação de monografia intitulada “**CONFLITO TERRITORIAL NO LAGO DO TRACAJÁ EM CAREIRO CASTANHO/AM: UMA ANÁLISE DAS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS A PARTIR DOS HOTÉIS DE SELVA**”. A banca de defesa foi constituída pelos seguintes membros: PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA (presidente), PROFA. DRA. ANA PAULINA AGUIAR SOARES (membro externo), PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO (membro interno). A presidente deu início a sessão convidando os membros da Banca, e a graduanda para tomar assento e iniciar a apresentação. Após apresentação da graduanda, foi feita a arguição pelos membros que ao final reuniram-se para decidir que a aluna foi ..... **APROVADA** ....., com a nota **10,0**..... A sessão foi encerrada e assinada pelos membros da banca e pela graduanda. Manaus, 16 de fevereiro de 2024.



PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA  
(Presidente)



PROFA. DRA. ANA PAULINA AGUIAR SOARES  
(Membro Externo)



PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO  
(Membro Interno)



SHAQUIRA CHERLEN ROCHA DE ALBUQUERQUE  
(Graduanda)

*Para os garçons desse enorme e esquisito restaurante em que chamamos de destino, no qual trouxeram-me coisas que nunca pedi e gostei, com amor, e para todos que de maneira consciente ou inconsciente ajudaram-me, nesses 22 anos, a criar minha melhor versão.*

## AGRADECIMENTOS

*“... Quero me agradecer. Agradecer a mim por acreditar em mim. Agradecer a mim por trabalhar duro. Agradecer a mim por não tirar férias. Agradecer a mim por nunca desistir...”*

Acredito que não há frase que me defina mais do que essa de Snoop Dogg, enquanto eu caminhava nessa saga de fazer esse trabalho no tempo em que me foi dado. Entretanto, desde o início dessa caminhada, ou melhor, muito antes dela, eu não estive sozinha. Desta forma, quero agradecer eternamente a Deus, à minha mãe e ao meu pai, que sempre estiveram presentes em minha vida, ajudando-me ou mostrando o caminho certo, permitindo-me cursar esse curso esplêndido que é a geografia. Essa, por sua vez, foi a lente que me possibilitou analisar de maneira crítica as nuances no espaço e em todas as facetas e categorias que ele abrange. Assim como os professores que me ajudaram em minha formação. Gostaria de agradecer também a Juciney, que mesmo não possuindo nenhuma obrigação comigo e minha família, dedicou seu tempo e dinheiro para me ajudar quando eu precisava e almejava por algo. Expresso minha gratidão também às minhas amigas Manoela Silva e Heloísa Helena, que gentilmente se tornaram minhas companheiras nos corredores da UEA em 2020. Foi um ano desafiador em que nos perdemos e nos tornamos estranhas devido à pandemia da COVID-19, mas agradeço pela amizade verdadeira que se desenvolveu durante esse período. Agradeço também a Romário Almeida, que me ajudou quando precisava. Agradeço a Juan Maia, que em um dia qualquer, convidou-me a conhecer o que posteriormente se tornaria o recorte espacial deste trabalho, bem como a sua família que me apoiou e disponibilizou generosamente mais do que eu poderia esperar. Também sou grata a todos que participaram dessa pesquisa de sua maneira a criá-la. E para finalizar com chave de ouro, expresso meus profundos agradecimentos à minha orientadora Susane Patrícia Melo de Lima, cuja presença foi imensamente fundamental, depositando sua confiança e me guiando com excelência desde o início ao fim, despertando o desejo de ter tido a oportunidade de participar de suas aulas presenciais em um período não pandêmico.

*Quantos grandes problemas permaneceram sem soluções porque os homens não sabiam o suficiente, ou não tinham fé suficiente no processo criativo e neles mesmos, a fim de libertar a mente inteira para trabalhar nisso?*

*Daniel Keyes - Flores Para Algernon*

## RESUMO

A Amazônia, vasta em sua grandiosa extensão, exuberante e diversa em sua fauna, flora e cultura. Sua natureza não fica alheia a lógica de acumulação de capital da atividade do turismo, demonstrado o valor de uso do território para seus diferentes atores, e que por conseguinte, podem acarretar em contradições em vários prismas em que nele estão envolvidos. Ao analisar o Lago do Tracajá, observa-se um vasto contingente de equipamentos turísticos, ou seja, hotéis de selva e pousadas que se apropriam de imagem hegemônica altamente propagada pelos meios midiáticos provedor dessas contradições entre o Homem e o meio. Desta forma, o presente trabalho, pauta-se em analisar as transformações socioespaciais do Lago do Tracajá através do método histórico-crítico-dialético, alcançando a compreensão das mudanças e permanências materiais e imateriais das relações da comunidade com o seu território e, igualmente, a sua relação com a rede hoteleira. Essa não pode ser vista, dissociada das transformações espaciais, nas quais contribuem para o surgimento dos conflitos territoriais no Lago do Tracajá devido à alta demanda de fluxo de turistas em temporadas de pesca esportiva, demonstrando que a dinâmica de comercialização da Amazônia, além de reforçar visões generalizadas sobre a região, é capaz de influenciar o modo no qual a comunidade do Tracajá percebe e se reproduz em seu espaço.

**Palavras-chaves:** Amazônia, Turismo, Conflitos territoriais.

## ABSTRACT

The Amazon, vast in its grand extension, exuberant and diverse in its fauna, flora and culture. Its nature is not alien to the logic of capital accumulation in tourism activity, demonstrating the use value of the territory for its different actors, and which, consequently, can lead to contradictions in various perspectives in which they are involved. When analyzing Lago do Tracajá, we observe a vast number of tourist facilities, that is, jungle hotels and inns that appropriate a hegemonic image highly propagated by the media that provides these contradictions between Man and the environment. In this way, the present work is based on analyzing the socio-spatial transformations of Lago do Tracajá through the historical-critical-dialectic method, achieving an understanding of the material and immaterial changes and permanence of the community's relations with its territory and, equally, its relationship with the hotel chain. This cannot be seen separately from spatial transformations, in which they contribute to the emergence of territorial conflicts in Lake Tracajá due to the high demand for the flow of tourists during sport fishing seasons, demonstrating that the commercialization dynamics of the Amazon, in addition to reinforcing generalized views about the region, is capable of influencing the way in which the Tracajá community perceives and reproduces itself in its space.

**Keywords:** Amazon, Tourism, Territorial Conflicts.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Roteiro do Conceber a Pesquisa e dos Processos Mitológicos Para Sua Realização .....	15
<b>Figura 2:</b> Mapa de Localização Dos Hotéis de Selva do Lago do Tracajá.....	31
<b>Figura 3:</b> Boca do Lago do Tracajá.....	33
<b>Figura 4:</b> Mosaico do Amazon Turtle Lodge.....	36
<b>Figura 5:</b> Amazon Mureru Lodge.....	37
<b>Figura 6:</b> Mosaico do Amazon Premium Lodge.....	38
<b>Figura 7:</b> Mosaico do Amazon ArowanaLodge.....	39
<b>Figura 8:</b> Mosaico do Amazon Apuí Lodge.....	40
<b>Figura 9:</b> Mosaico do Período de Seca No Lago do Tracajá.....	50
<b>Figura 10:</b> Aspecto Acinzentado Ocasinado Pelos Focos de Queimadas.....	53
<b>Figura 11:</b> Mosaico das Propagandas dos Hotéis De Selva.....	54
<b>Figura 12:</b> Área de Limite de Pesca.....	65
<b>Figura 13:</b> Mosaico da Diferença Entre A Cor da Água nos Períodos De Cheia e Seca.....	66
<b>Figura 14:</b> Sedimentos em Movimentos Devido O Motor dos Transportes Fluviais ...	67

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1:</b> Quantidade de pessoas entrevistadas durante a coleta de dados.....	14
<b>Quadro 2:</b> Hospedagens do Lago do Tracajá.....	35
<b>Quadro 3:</b> Hotéis e pousadas do município de Careiro Castanho.....	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. AMAZÔNIA: NATUREZA, PAISAGEM E IMAGEM.....</b>	<b>18</b>
1.1 Relação Homem Natureza.....	19
1.2 Paisagem ou imagem amazônica? .....	21
1.3 Concepções sobre a Amazônia .....	26
<b>2. MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E TERRITÓRIO.....</b>	<b>30</b>
2.1 O Lago do Tracajá antes da rede hoteleira.....	32
2.2 O Lago do Tracajá após a implementação dos hotéis de selva .....	34
2.3 O território do Lago do Tracajá .....	46
<b>3. A REDE HOTELEIRA E A COMUNIDADE DO LAGO DO TRACAJÁ .....</b>	<b>52</b>
3.1 A Amazônia como mercadoria do Lago do Tracajá .....	52
3.1.1 Os hotéis de selva e pousadas ecológicos .....	56
3.2 O curso do rio comandando a reprodução social .....	60
3.3 As relações conflituosas no Lago do Tracajá.....	61
3.3.1 Rede hoteleira X Comunidade.....	63
3.3.2 Rede hoteleira X Rede hoteleira.....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

Para a realidade mundial, e principalmente brasileira, o turismo manifesta-se através da comercialização de um lugar no qual apresenta potencialidades, este está inserido em determinado espaço, o qual é desigual em todo o Brasil pela enorme riqueza de culturas e paisagens que variam no decorrer da extensão do país. Ao mudar a escala e ir para a região norte, nota-se o uso das diferentes concepções sobre a Amazônia para ocorrência da prática que se apropria dos espaços para comercializar a imagem da Amazônia, acumulando capital sobre a visão de nível simbólico-cultural e de seus recursos.

Desta forma, a apropriação de determinado espaço e, conseqüentemente, o uso de certo território para com o turismo irá realizar-se por meio de equipamentos para tal prática. No caso do Amazonas, mais especificamente em áreas de floresta tropical, é possível encontrar os hotéis de selvas, em que se utilizam das enormes variedades de biodiversidade, cultura, mitos e crenças que despertam o imaginário de estrangeiros e até da população nacional para vivenciar aventuras e explorações como as descritas em obras literárias como “A jangada: 800 léguas pelo Amazonas” de Júlio Verne.

No entanto, a apropriação do espaço e dos elementos presente nele pelos hotéis de selva pode e gera conflitos territoriais, uma vez que se trata do seu valor de uso para os grupos sociais presentes em tal localidade. Ademais, a influência da seca no Lago do Tracajá, em que essa, por conseguinte, influencia na reprodução dos moradores da comunidade desencadeando uma nova relação conflituosa entre comunitários e hoteleiros, principalmente do segmento de pesca esportiva, no qual disputam áreas do lago para suas devidas atividades domésticas ou econômicas.

O recorte espacial se localiza na zona rural do Careiro Castanho/Am, mais especificamente no lago do Tracajá. O acesso ao município é realizado por via fluvial, em embarcações que partem diariamente ou mediante de lanchas rápidas que saem do porto do Ceasa, na cidade de Manaus. Para ter acesso aos hotéis e selva e à comunidade onde de lá os turistas ou visitantes seguem o percurso por via fluvial, visto que umas das características da comunidade e dos empreendimentos turísticos, é seu desenvolvimento em terra firme e no próprio lago, por meio de flutuantes.

O objetivo geral deste trabalho é analisar no Lago do Tracajá em Careiro Castanho/AM, os impactos ocasionados pelo turismo e os conflitos de hotel de Selva e a comunidade local. No que cerne aos objetivos específicos, o intuito é identificar os conflitos

socioespaciais na comunidade, compreender a dinâmica da comercialização da imagem da Amazônia pelos hotéis, e como as pessoas percebem o espaço do Lago do Tracajá. Analisando a relação da comunidade com os hotéis de selva e as transformações espaciais oriundas do turismo e investigar as mudanças e permanências culturais e simbólicas na comunidade do Lago do Tracajá após a implementação da rede hoteleira.

O caminho metodológico para fazer a pesquisa teve como base o método Materialismo-Histórico-Dialético, no qual permitiu a compreensão das respostas para as perguntas (de Como? e Por quê? Quando?) e o quanto às relações sociais da comunidade com seu espaço se modificam. “[...] a dialética é a ciência das leis mais gerais do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento, a ciência da ligação universal de todos os fenômenos que existem no mundo” (Spirkine; Yakhot, 1975a, p. 20), ora se não esse método como responsável para compreensão das dinâmicas socioespaciais do lago do Tracajá e das relações conflituosas presente em tal espaço? Ela permite desta forma o estudo no qual cerne ao desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano, fruto da ciência das leis gerais, em que no caso é a dialética, conforme explica Sposito (2003).

Para Alves (2008), a dialética é estruturada em “tese antítese e síntese, onde a tese é uma afirmação ou situação inicial, a antítese é o conflito da tese. Desse conflito aparece a síntese, que é uma condição nova que leva dentro de si elementos e resultante destes choques” (p. 235). Sua afirmação, estrutura de forma clara os “desenrolar” dos movimentos de uso do território e as relações que se fazem presente nele. Chegando assim, na elucidação desses processos deparados pelo pesquisador, por meio do início (tese) e fim (síntese), onde em sua interface (antítese) é observada e compreendida para a criação de novas hipóteses.

Ainda sobre o tema, a noção de que o homem é concebido como histórico e social (Sposito, 2004) se faz necessária para compreensão da realidade na qual esse sujeito está inserido, recorrendo-se à história. “O momento recorrente, analítico-regressivo, precede a um momento histórico-genético, no curso do qual o proceder do pensamento se volta para o atual, a partir do passado desentranhado, apreendido em si mesmo” (Lefebvre, 1978, p. 17), dessa forma, assim como Sposito, o autor não descarta a perspectiva de voltar ao passado para compreender o presente e o futuro. Assim, no materialismo histórico os fenômenos estudados serão investigados a partir do consenso da relação entre homem natureza, valendo-se de fatos históricos, ou seja, as transformações observadas pelo pesquisador (Sposito, 2004). Entretanto, conforme Alves (2008, p. 229) é preciso entender que “o método se ajusta com o fenômeno e não o fenômeno que se ajusta ao método”.

A princípio recorreu-se a levantamentos e, posteriormente revisão bibliográfica. Para Marconi e Lakatos (2008) essa etapa é fundamental para a investigação, pois é com a leitura que o pesquisador consegue obter a informação a respeito do que se pretende estudar, e dessa forma, conseguindo conciliá-las com a pesquisa de campo.

Dando continuidade ao procedimento metodológico, no qual consistiu na coleta de dados primários através de conversas gravadas, realizadas no trabalho de campo, em que para Marco (2006) esse é o momento em que se é possível visualizar o que foi discutido na sala de aula. A ida para o Lago do Tracajá ocorreu nos meses de novembro e dezembro, as falas dos entrevistados, onde estes serão identificados com sua função e acompanhadas de uma numeração, irá conter algumas palavras escritas de acordo com a gramática da língua portuguesa para melhor compreensão. O levantamento ocorreu a partir de diálogos com quatro grupos diferentes (**Quadro 1**): os proprietários de hotéis, comunitários, trabalhadores da rede hoteleira e turistas hospedados nos hotéis e pousadas, bem como observações e registros fotográficos. Nesta etapa, a abordagem qualitativa mostrou-se exitosa, para Braun e Clarke (2013), os levantamentos qualitativos são capazes de produzir valiosos dados, e com uma grande variedade de temas que podem ser abordados em um alto nível de detalhamento, pois os levantamentos obtidos abrem portas para analisar os diversos significados descritos pelos participantes, ou seja, uma vasta gama de objetivos na qual podem ser alcançados.

**Quadro 1:** Quantidade de pessoas entrevistadas durante a coleta de dados

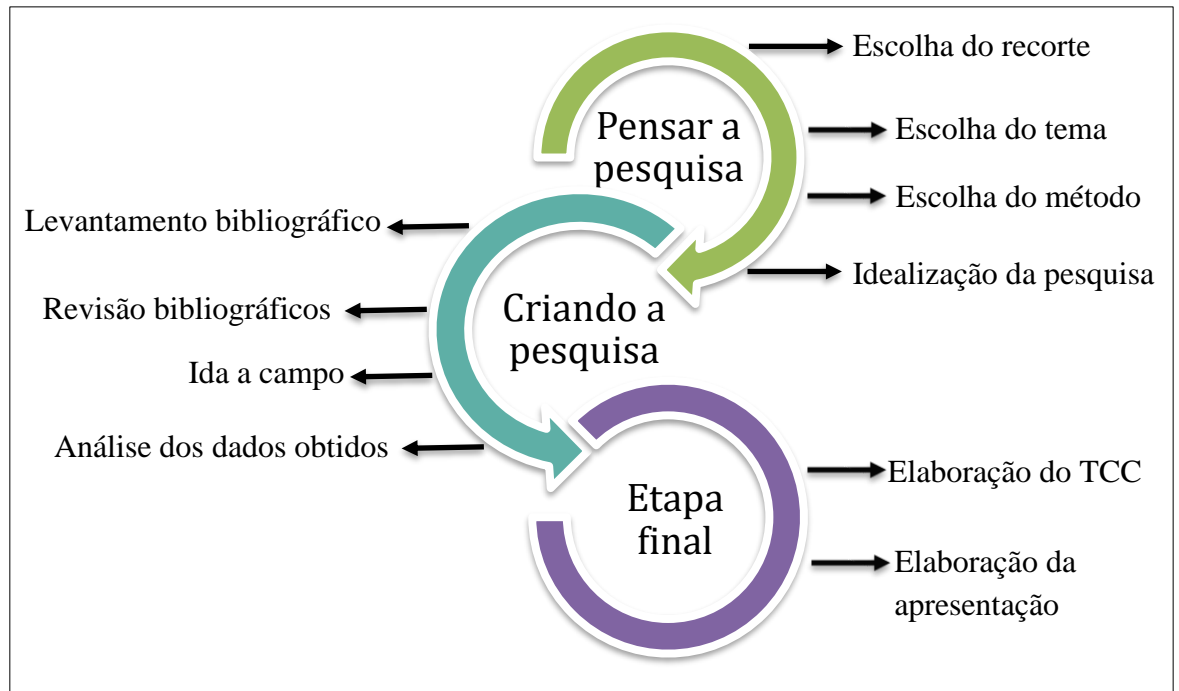
GRUPOS	DONOS DE HOTÉIS/POUSADAS	MORADORES DA COMUNIDADE	TRABALHADORES	TURISTAS
QUANTIDADE DE PARTICIPANTE DA PESQUISA	5	5	5	5

**Org.:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Como por exemplo, a possibilidade de entender as diferentes visões sobre a dinâmica que ocorre no Lago do Tracajá, desde o modo como ocorre a comercialização da Amazônia pelos hotéis de selva; as concepções dos turistas; a relação da comunidade com os hotéis e as percepções dos trabalhadores dos empreendimentos ecológicos; e, por fim, a respeito da conflitualidade existente no processo de territorialização no Lago do Tracajá no qual envolve a rede hoteleira e comunidade. “As territorialidades conflitantes, porém, podem referir-se ao

mesmo objeto, ao uso ou à expectativa de uso, não exatamente por áreas delimitadas, mas por espaços representados, vividos e seus usos” (Heidrich, 2009, p. 273).

**Figura 1** – Roteiro do Conceber a Pesquisa e dos Processos Mitológicos Para sua Realização



**Org.:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2024.

Também houve o uso de dados secundários, como redes sociais e sites dos próprios hotéis estudados, uma vez que

Dados secundários: são aqueles que já foram coletados, tabulados, ordenados e, às vezes, até analisados e que estão catalogados à disposição dos interessados. as fontes básicas de dados secundários são: as próprias empresas, publicações, governos, instituições não governamentais e serviços padronizados de informações de marketing (Mattar 1996, p. 48).

O recorte temporal escolhido foi a partir de 1900, data escolhida após conversas com moradores em que sabiam da história do Lago do Tracajá, até o ano de 2023 que consiste no momento da pesquisa *in loco*, permitindo a compreensão das mudanças e permanências encontradas na comunidade a partir da inserção da rede hoteleira.

A análise do estudo foi realizada sobre a perspectiva de Milton Santos e território usado (1999), e de Rogério Haesbaert (2004) em que para este último, o conceito de território existe em múltiplas dimensões, mas que estas podem ser agrupadas em três vertentes: política, cultural e econômica. Desta maneira, ao selecionar a ótica de território, estaríamos falando de uma concepção territorial relacional, visto que

Podemos afirmar que o território é relacional, não apenas no sentido de incorporar um conjunto de relações sociais, mas também no sentido, destacado por Godelier, de envolver uma relação complexa entre processos sociais e espaço material, seja ele visto como a primeira ou a segunda natureza (Haesbaert, 2002 p. 56).

Durante o decorrer do trabalho, será feita uma análise do território e a integração de duas dimensões sociais: a) dimensão simbólica-cultural da comunidade do Tracajá, assim como a concepção dos turistas que visitam tal espaço rural de Careiro Castanho/Am; b) à dimensão econômica uma vez que os hotéis de selva são responsáveis por boa parte da renda da comunidade e pelas mudanças simbólicas e culturais da mesma.

Falar sobre tal território, influenciado, apropriado e usado pelos atores que nele se encontram, principalmente sendo os responsáveis pelas transformações na identidade de determinada comunidade ao longo do processo histórico é necessário resgatar conceitos esquecidos ou pouco mencionados na geografia, como o espaço. Afinal, é a partir do espaço que se tem a criação e uso do território, este por sua vez é influenciado pela dinâmica do lugar. Categorias que se fazem presentes ao se analisar o território do Lago do Tracajá e seu uso pelos agentes que ali estão inseridos.

Ao analisar a trajetória da relação do Homem com a natureza que o cerca, percebem-se intrínsecas transformações que são refletidas no espaço e no território, pois ele é alvo das mudanças e interesse do ser humano.

Falar de mudança na ordem de significações é, rigorosamente, falar de questões que nos remetem ao campo da cultura. Afinal, a espécie humana inventou, ao longo da sua aventura sobre o planeta, múltiplas formas de emprestar sentido ao viver, o que, por si só, nos remete à complexidade do que é ser humano (Gonçalves, 2007, p. 375).

Desta maneira, fica evidente a não linearidade das mudanças e permanências nas relações simbólicas e culturais de determinado lugar, sendo preciso levar em consideração o contexto que determinada sociedade está inserida, de acordo com Correia (2010 p. 108) “O futuro, por outro lado, é marcado por uma tensão entre permanência e mudança, tensão que opõe grupos sociais distintos em torno da continuidade ou da ruptura em face de um presente experimentado de modo distinto por cada um deles”. No caso da comunidade do Lago do Tracajá, em Careiro Castanho/AM, estas mudanças e permanências possuem início a partir da inserção dos hotéis de selvas que cercam a comunidade local.

Por conseguinte, foram levantadas algumas hipóteses durante a trilha de investigação para responder às questões levantadas, tais como: o conflito territorial é desencadeado pelo

valor de uso do território perante o crescimento da rede hoteleira, o fazendo possuir o dobro de seu valor, uma vez que esse pode influenciar na reprodução social ou afetar a economia produzida pelo turismo, e por fim este território passa a ser visto como uma mercadoria pela comunidade local ou externa que apresenta alguma proximidade das áreas utilizadas pelo setor turístico.

Sendo assim, este trabalho está dividido em três capítulos sendo eles: Referencial Teórico, chamado aqui de Amazônia: Natureza, Paisagem e Imagem, em que procurou-se por autores para o embasamento das discussões sobre a relação do Homem com o seu meio, a diferença entre paisagem e imagem amazônica e as concepções sobre ela. Posteriormente chamaremos o resultado e discussões de Mudanças, Permanências e Território, onde foi realizada a caracterização do território do Lago do Tracajá antes e pós a rede hoteleira para responder quais foram as mudanças e permanências culturais e simbólicas na comunidade do Lago do Tracajá a pós a implementação da rede hoteleira e suas transformações espaciais e por fim, o capítulo três, no qual é uma continuação dos resultados e discussões sobre os conflitos que acontecem devido aos hotéis de selva e pousadas ecológica, elucidando a dinâmica socioespacial no território do Lago do Tracajá e a relação da comunidade com esses empreendimentos.

## 1. AMAZÔNIA: NATUREZA, PAISAGEM E IMAGEM

A floresta amazônica chama a atenção e encanta pessoas de todo o globo com mistérios, mitos e da própria diversidade de fauna e flora que apresentam potencial para a ciência, “A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante” (Cunha, 1975 p. 32). Desta forma, sua riqueza não passa despercebida pela atividade do turismo, no qual se caracteriza por ser uma das principais formas de acumulação de capital na contemporaneidade e, conseqüentemente, ser a geradora de conflitos pelo território, uma vez que está associada com a dinâmica territorial do uso da terra.

A diversidade das Amazônias é frequentemente pouco propagada nos meios de comunicação. Contraditoriamente, esses meios promovem uma visão homogênea da região, retratando-a como o "imenso coração verde", um dos "três eldorados naturais", e uma "vasta reserva de recursos naturais e culturas" (Becker, 2011, p. 22 e 25).

Através dessa uniformidade difundida pelas mídias e políticas públicas voltadas para o turismo, a Amazônia passa a ser explorada, afetando seus e seus múltiplos territórios. Para o turismo, o território é transformado e especializado, conferindo-lhe uma nova identidade e significado para as comunidades locais, influenciando as interações sociais com o espaço geográfico.

Pode-se, pois, dizer a respeito destas novas realidades que tais especializações na utilização do território sejam elas originalmente naturais ou culturais, ou provenham de intervenções políticas e técnicas significam uma verdadeira redescoberta da Natureza ou pelo menos uma revalorização total, na qual cada parte, isto é, cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor (Santos, 2014, p. 33).

É válido ressaltar que existe uma diferença ao nos referimos a palavra “natureza”. Essa é geralmente associada aos elementos naturais que se encontram dispersos em determinado espaço, seja as que sofreram com a intervenção humana: rios, árvores, montanhas, animais ou que ainda não possuíam algum contato humano. Entretanto, essa visão é basilar e não é capaz de transmitir seu real sentido e a complexidade da relação homem natureza tão facilmente descartada em outras ciências. Para Whitehead (1993, p. 7) a natureza é tudo “aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos”. Deste modo, deve-se fazer um resgate da relação do homem com a natureza, para fins de compreensão dos processos que envolvem os diferentes territórios.

## 1.1 Relação Homem Natureza

Seguindo a linha de pensamento proposta por Whitehead (1993); podemos dizer que as ações do Homem na contemporaneidade sobre o ambiente não se resumem a simples atos inocentes, talvez em um período anterior a evolução do gênero *Homo*, essa afirmação pudesse ser dita como verdadeira, o Homem não havia transformado os elementos naturais em recursos. Há quem diga que ambas possuem os mesmos significados, e que não passam de sinônimos, mas não é a palavra elementos naturais que são pronunciadas pelos agentes econômicos ao falar sobre potencialidades de determinado ambiente. A exemplo disto, é possível citar a floresta Amazônica, tão divulgada como um tesouro de riquezas que não se limitam a sua biodiversidade.

Normalmente se diz que o Brasil é o país do futuro. Nessa imagem está subjacente a ideia de que o Brasil é um país de dimensões continentais, portador de imensos recursos naturais que nos garantiriam um futuro promissor. Nessa perspectiva a Amazônia, que corresponde a cerca de 54% do território brasileiro, seria um imenso reservatório de recursos naturais, por isso, vista como o futuro do Brasil (Gonçalves, 2005, p. 12).

A descoberta contínua ao longo da existência humana sobre valor de uso e comercial da natureza, no qual apresentava no sistema feudal e no seu anterior como sendo a terra e os produtos agrícolas produzidos a partir da apropriação do território, mostrou um grande aumento com a dispersão da consciência das capacidades produtivas por meio de matérias primas pela lógica do capitalismo durante o século das luzes.

A dicotomia entre a esfera social e o meio ambiente, provocou no que conhecemos hoje, como a dominação da natureza. Tal ruptura nasce quando o ser humano passa a ser o centro principal das pesquisas e das idealizações, o renascentismo acendeu as luzes, apagando a escuridão que caía sobre o mundo da ignorância, com ela “ritmos e regras humanas buscavam sobrepor-se às leis da natureza” (Santos; Silveira, 2021, p. 37). Com a industrialização, a natureza voltou a ter destaque na vida da população, apresentou-se como matéria prima subalterna a seus interesses, surge então mais uma forma do Homem sobrepor-se ao meio que vive (Santos, 2002).

Tal perspectiva orgulha qualquer um que escute sobre os benefícios e avanços que o ser humano proporcionou, e não que seja demérito, mas uma análise mais abrangente deve ser feita sobre a influência que recaiu e recai na sociedade e principalmente sobre os espaços e territórios. A natureza foi dessacralizada, os deuses foram expulsos dela sem direito a oferecer um acordo justo para as partes envolvidas.

A partir desse alívio de não mais nos confundirmos com a natureza estaríamos, diante dessa superioridade racional sobre o animal, autorizados a dominá-los? Esse Homem Racional, desnaturalizado, por meio da Ciência e da Técnica pode, de fora, exercer a dominação da Natureza (Gonçalves, 2007, p. 377).

Para entender a produção territorial devemos então partir da análise das relações e mudanças dos indivíduos, as organizações sociais, as técnicas e o Estado. Conseqüentemente, as relações que envolvem a natureza, entretanto Raffestin (2009, p. 26) já alertava que é “o homem deveria aprender a gerir o uso que faz das coisas” uma vez que “Não é a “natureza” que precisa ser gerida, mas o uso que dela se faz”.

Fica evidente, no linear traçado pela humanidade, a dicotomia e seus respectivos atores hegemônicos ou hegemonzados, existindo uma confluência dentro da perspectiva territorial igual para ambos, mas que, contraditoriamente, exerce papéis bem distintos. Este é o território usado, esses atores se utilizam deste espaço apropriado para o seu uso, porém surge daí uma desigualdade na capacidade quanti-qualitativa de uso deste território. Para um (hegemônico), o território irá propiciar o suficiente para a realização de seus interesses, enquanto para outra parcela (hegemonzada), será atribuído para a sua (re) produção social e que permitam a sua adaptação ao meio geográfico local e garanta a sua sobrevivência (Santos *et.al*, 2002, p. 13)

A produção territorial não se inicia de um nada, o território surge a partir de um espaço, no qual este não é “vazio e puro, lugar por excelência dos números e das proporções” (Lefebvre, 1976, p. 30). O espaço está vinculado às relações e suas reproduções sociais, vale-se atentar que ao se referir a vinculado não quer dizer o mesmo de produto social, uma vez que a palavra não condiz com o real significado, invalidando todo o processo social-histórico e as relações que nele se fazem presente até o ponto de chegada – o produto social, no qual não devemos se prender, pois ele é contínuo.

Do espaço não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro, um objeto ou uma soma de objetos, uma coisa ou uma coleção de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de todos os instrumentos, o pressuposto de toda produção e de todo o intercâmbio. Estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações (sociais) de produção (Lefebvre, 1976, p. 34).

O espaço carrega marcas das intencionalidades sociais, no qual se caracteriza por fatores culturais, políticos e econômicos. As relações humanas não são alheias a tais dimensões, sua reprodução irá externar no espaço e, conseqüentemente, no território a (i)materialidade das diferentes perspectivas e uso de seus indivíduos.

Poderia-se dizer assim, que ao se fazer a análise sobre a visão do território de acordo com Haesbaert (2002), há uma indissociabilidade do social sobre o território, e as relações de poder emanado por esses atores, para Bourdieu (1989, p. 7-8): este "poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". Desta maneira, o território é material e simbólico no qual perpetua relações hierarquizadas. É o campo de disputas, de representações identitárias físicas e imaginárias, considerando o seu valor de uso mercadológico ou afetivo.

A identidade social é formada pela identidade territorial. Esta por sua vez, está sempre em curso na linha do espaço tempo, ocasionando mudanças em ambas. Ou seja, gerando processo de desterritorialização, territorialização e futuramente novas territorialidades. É válido lembrar que as transformações seguem um curso linear, moldando a identidade social e, conseqüentemente, territorial. Essas identidades são concretas, afinal, como uma territorialidade pode surgir ou se desfazer sem uma mudança no espaço/território?

## **1.2 Paisagem ou imagem amazônica?**

Ao se falar da paisagem da Amazônia, facilmente e, com razão, imagina-se a imagem que ela tem a oferecer. No entanto, refiro-me aqui em uma imagem com dimensões, não como uma fotografia que se limita apenas a duas, mas sim aquela que carrega diferentes concepções. Afinal, ao falarmos sobre as paisagens, invocamos as imagens que temos delas.

O planeta é repleto de espetáculos, sejam aqueles construídos pelos homens ou aqueles naturais. Em ambos os casos, referem-se ao material produzido de maneira biótico ou abiótico e que se faz presente no espaço, com ou sem, grandes capacidades atrativas devido a sua beleza para um indivíduo ou grupo de pessoas. Assim, poderíamos dizer que os espetáculos se resumem à paisagem, na qual a "Terra que, por acaso ou não, é naturalmente repleta de espetáculos até em suas regiões mais árida" (Yázigi, 1999 p. 12).

Antes da ciência geográfica, de fato definir o conceito de paisagem, a ideia que se tinha sobre ela, era somente a respeito de seus aspectos visíveis. Mais para frente, verá-se essa ideia perdurando em outras áreas, nos deparando assim com estudiosos destacando o caráter visual de determinado espaço, tal qual o urbanista Unwin (1975) que a definia a partir dos atributos terrestres visuais, ou seja, aos elementos geomorfológicos.

A palavra “visualmente” refere-se diretamente a todo um aparato técnico ligado à trigonometria e à geometria descritiva que permitiam a projeção e a identificação destas áreas na carta geográfica, mas que envolve também um acurado senso de observação do geógrafo em campo (Holzer, 1999, p. 151).

Para a geografia, o conceito de paisagem tem desde seu berço inúmeras concepções que perdurou/perdura na ciência geográfica até os dias de hoje, quanto a sua definição. Ao se aprofundar sobre a paisagem, destrinchando a sua etimologia na qual surge da palavra medieval, alemã *Landschaft* — onde provavelmente derivou de *land schaffen* (Holzer, 1999), em que de acordo com dicionários significa “Criar terreno” ou “criar/produzir a terra”— e que, posteriormente originou “*landschap*” em holandês e que em seguida gerou “*landscape*” no inglês — definido também como “*view of the land ou representation of the land*” (Hopkins, 1994) — trazem concepções de “habitantes e seu sítio” e “vista do terreno ou representação do terreno”. Paralelo a isso, na França a *paysage* — na qual deriva do *pays* significa simultaneamente “habitante” e “território” – estava relacionada às técnicas de pintura do período renascentista — pinturas que destacavam algum território e sua população.

Fica evidente, que desde o seu nascimento a paisagem sempre esteve relacionada ao espaço e a sua reprodução, apresentando uma condição de movimento, observada por um indivíduo ou grupo sobre determinado meio, algumas vezes pincelado sobre uma tela, um registro único — devida a percepção inserida durante a execução da técnica de um artista — e inerte de um espaço dinâmico. Para Lacoste (2003) a paisagem se refere aos aspectos visuais do espaço geográfico, que se limita até certo ponto.

No desenvolvimento dos conteúdos inerentes a geografia, no passar das correntes de pensamentos, observa-se a sua definição se modificando. Com a geografia moderna, esse conceito, tendo como base o materialismo histórico de 1960, é meramente definido e estudado a partir do material, onde tem em seu âmago os fatores socioeconômicos para a ocorrência destas manifestações físicas.

Para Cristofeletti (1999), ela é a um arranjo de objetos visíveis que passa por filtros dos diferentes sujeitos que observam a sua aparência, remete assim ao renascentismo e ao termo “*paesaggio*” em italiano, no qual remete às pinturas da natureza. Ou seja, as porções visíveis no espaço, mas que seu prisma material (aparência) influenciará nas concepções dos indivíduos e na forma como eles a interpretam (filtro).

O estudo da paisagem revela a sua ligação com o estudo dos territórios ao analisar que ela é uma porção da configuração territorial (Santos, 2002), com seus elementos naturais ou criados em diferentes temporalidades, podendo ou não existir no presente e futuro. Ademais, encontraremos que

Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico (Santos, 2002, p. 67).

As contribuições sobre os estudos da paisagem na geografia humanista merecem ser mencionadas – Apesar de não ser o intuito aqui aprofundar-se na discussão sobre a paisagem no método humanista – é de fato imensurável e significativo para entender, em parte, o território e seus processos de territorialização. Entretanto, considerando apenas a vertente simbólica e dos valores dos indivíduos inseridos na paisagem, em uma era onde o capitalismo mostra seu fervor em todas as suas faces devido à evolução das técnicas-científico-informacionais, é insuficiente.

Uma análise da paisagem na atualidade destaca a sua complexidade mais profunda, encontrada facilmente na difusão contraditória, através principalmente dos meios midiáticos, da existência de uma paisagem real e pura, não vinculada às manipulações do capital, de forma generalizada, uma paisagem na qual não existe mais.

Durante a história humana, o seu deslocamento e dispersão para os mais diversos cantos do planeta foram arraigados por múltiplos fatores. Os povos nômades, migravam de acordo com os elementos naturais a sua disposição, a corrida do ouro no Brasil nas décadas de 1880 a 1890, enquanto na Califórnia sua largada havia sido anunciada um século antes, proporcionou enormes ciclos migratórios. Tal qual os ciclos da borracha na região norte do Brasil, diásporas por perseguições religiosas como as dos povos judeus na diáspora judaica e anos depois, na segunda grandes guerras mundiais, ou catástrofes naturais como o furacão Katrina de 2005, são alguns outros vetores desses deslocamentos. O movimento “pendular” da população por tais precedentes não se mostra como sinônimo de fazer turismo, igualmente poderia ser dito — por alguns estudiosos — sobre a saída de pessoas para outro lugar por motivos de trabalho ou busca de saúde, destacando uma grande ambiguidade entre o meio acadêmico ao discutir sobre o que é o turismo.

Para o Ministério do Turismo (MTur), o turismo é uma atividade econômica que envolve o deslocamento de pessoas para outra cidade/estado ou país para fins de lazer. Entre outros autores o turismo é

Um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduo ou grupo de pessoas, que fundamentalmente, por motivo de recreação, descanso, cultura, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa ou remunerada, gerando múltiplas, inter-relações de importância social (Padilla, 1997, p. 16).

Nesse embate, é encontrada uma bifurcação enquanto a sua conceituação na qual varia de fenômeno econômico a fenômeno social, destacando a visão de dois grupos sociais presentes na atividade turística: turismólogos e dos geógrafos.

Algo fica claro ao falar tanto da esfera econômica quanto a social do turismo: o uso da paisagem para a realização de determinado propósito, seja do agente ativo econômico que visa comercializar a paisagem e da população que usufrui dessa mercadoria. Existe, de certa forma, uma idealização romantizada ou não dessas paisagens, fruto do fluxo de informação contínuo em rede. Entretanto, isso não fica impune às manipulações midiáticas que despertam o anseio das massas e as transformam em consumidores, visando produzir capital com o uso de um cenário fantástico por esses agentes.

A fantasia sempre povoou o espírito dos homens. Mas agora, industrializada, ela invade todos os momentos e todos os recantos da existência ao serviço do mercado e do poder... Quando o meio ambiente, como natureza-espetáculo, substitui a natureza-histórica, lugar de trabalho de todos os homens, e quando a natureza 'cibernética' ou 'sintética' substitui a natureza analítica do passado, o processo de ocultação atinge seu auge (Santos, 1994, p. 23-24).

Poderíamos então dizer que a paisagem está mais próxima do conceito desenvolvido por Karl Marx (1983) de fetichismo da mercadoria – relações mercantis que externalizam figurativamente a existência interdepende das relações sociais de produção, gerando uma percepção “mágica” e desejável de tal objeto-mercadoria que nega seus agentes mais ativos em sua produção – claro que é necessário ressaltar que os espetáculos que percorrem país não possuem em sua gênese o fator humano para que ela pudesse existir, mas com a globalização acelerada e avanços nos meios informacionais, um determinado valor (i)material é atribuído a paisagem e, conseqüentemente ao seu território, para atrair consumidores pela indústria do turismo. Afinal, essa atividade moderna, para se reproduzir deve seguir a lógica vigente capitalista, em que se apropriará dos espaços e de seus elementos para transformá-los em recurso, ou seja, mercadorias (Coriolano, 2006).

A mente humana ainda é um mistério para muitas ciências que buscam estudá-la. Ela é vasta e complexa, permeada de emoções, desejos e vozes sutis que carrega ética e moral, na qual sussurram ao ouvido dos sujeitos. Neste vasto oceano, de profundidade desconhecida, nos deparamos com a fantasia, na qual revela desejos não concretizados, irreais ou que podem se tornar realidade. Estas podem se entrelaçar com o espaço e seus elementos, para Freud (1908) a fantasia transcende o campo da imaginação e pode se tornar uma ferramenta para mudar a realidade e o mundo.

Os motivos que levam as pessoas a conhecerem novos espaços, não é possível ser definido com exatidão, uma vez que são os valores mais intrínsecos e subjetivo dos sujeitos que determinam os lugares escolhidos, porém, possíveis hipóteses podem ser levantadas após analisar perfis de turistas, onde seu cerne encontramos o sonho, imaginação ou fantasia ditando suas vontades, comportamento e lugares novos a serem vislumbrados. O espaço fantasiado passa a ser utilizado, a partir da apropriação do espetáculo e fantasia pelo capitalismo (Yázigi, 1999).

A atribuição de significados a objetos, lugares, líderes políticos e religiosos, marcas luxuosas etc., possuem a capacidade de desempenhar papéis de grande importância nas relações pessoais e seu modo de ver o mundo, Pross (1980) evidenciava seu pensamento ao dizer que “Toda sociedade é controlada por símbolos ou pela constelação de símbolos que emolduram a ordem social”, ou seja, símbolos têm o poder de criar redes de relações e laços de pertencimento entre indivíduos, gerando sentimentos de lealdade e identidade unificados pela imagem simbólica e pelos valores subjacentes a ela. Torna-se necessário, diante da era informacional na qual vivemos destacar que o desejo de visitar algum espaço não se dá sem algum impulso, na qual não tenha sido difundido por algum fluxo — midiático ou não — que permeia o imaginário.

A imagem está alicerçada a imaginação, uma vez que ela tem início quando o que vemos já não possui como suporte o material. O âmago da questão é: a paisagem de fato é de fato apropriada, mas não passa impune da mídia vertiginosa que acarreta em imagens espetacularizadas para parcelas da população. Nesse jogo de produção de capital, dominação de poderes simbólicos ou não, o espetáculo não é o suficiente, mas sim, a utilização também de sua imagem criada com o auxílio da imaginação ou outros fatores.

A ilusão criada pela imagem é a ilusão do fantasma ou do ícone. [...] Daí o poder de engajamento entre a imagem e seu receptor. Não vemos a imagem, só vemos a própria coisa representada, por transparência; vemos o modelo e não a imagem; é ao modelo que atribuímos o poder da imagem, o de se tornar presente (Wolff, 2005, p. 25-27).

Enquanto a paisagem se desdobra como o palco físico onde a vida se desenrola, a imagem transcende essa realidade tangível, emergindo em uma construção mental, rica em significados simbólicos e interpretações culturais. A paisagem é a tela objetiva, composta por elementos visíveis e físicos, enquanto a imagem é a tapeçaria subjetiva tecida pelos observadores, influenciada por narrativas históricas, míticas ou experiências individuais e/ou representações visuais que moldam as percepções e os significados atribuídos ao ambiente circundante. A imagem está relacionada à expectativa ou idealização de algo na qual, não

necessariamente, precisaria ter sido vivenciada. Ela é a junção da fantasia e do desejo de indivíduos sobre determinada paisagem ao longo dos anos.

A característica mais proeminente da paisagem amazônica é a sua floresta tropical, que abrange a maior parte da região norte. A Amazônia é lar de uma diversidade incrível de espécies de animais, incluindo também uma grande variedade de árvores, plantas e flores, e suas características proeminentes se tornam objeto de destaque ou estudo, todavia, ao se falar da Amazônia, o que na maioria das vezes é realmente debatido é na verdade a sua imagem. Afinal, a floresta Amazônica quando pensada, perpassa o campo do observado, é uma trama compostas por diversidade, cultura, valores simbólicos e ambientais – e que contraditoriamente é vista como atrasada pelos mesmos fatores, tal qual encontra-se no centro da destruição desta natureza preciosa que se fixa no meio de discursos de proteção e metas ambientais – Porém fica claro um aspecto desta imagem onde ela “É na verdade, mais uma imagem sobre a região do que da região” (Gonçalves, 2005, p. 17). Visto que a imagem da Amazônia que conhecemos hoje, é resultado de um processo histórico e de idealização influenciada pela globalização.

### **1.3 Concepções sobre a Amazônia**

Analisando a frase de Carlos Walter Porto Gonçalves (2005), nota-se que nenhuma outra traduziu a imagem que vem à cabeça ao pensar sobre a Amazônia, brasileira ou não. Um simples exercício pode ser feito ao fecharmos os olhos e imaginarmos a Amazônia. O emaranhado denso e verde das copas das árvores transcontinentais, seu interior úmido e quente, devido a sua localização geográfica – porção centro-oriental sul americana que é cortada pela linha do equador – o habitat de uma riqueza inigualável de variedades de fauna e flora. Caracterizá-la nunca foi tão fácil.

Entretanto, a Amazônia não é hegemônica, como diria Gonçalves (2005), dentro da Amazônia existem as Amazônias, mas essas variáveis não são retratadas em livros, séries de televisão ou encontradas em redes sociais ao procurar sobre ela, muito menos ao fazer turismo para conhecê-la.

Os clichês, alimentadores de fantasias, vêm sendo criticados mais do que nunca. Comumente, significam um destaque separado da realidade mais ampla - de Salvador só mostram o Pelourinho, igrejas, alguma praia... O entorno, indigno de ser visto, é intencionalmente escondido. É o caso em que, isolado do contexto, o bem cultural é convertido em apelo à irrealidade (Yázigi, 1999, p. 262).

Se aplicarmos tal ideia para o contexto da região norte do Brasil, o que vemos é somente a floresta e seus elementos naturais, mascarando a história, conflitos, resistências e povos que fazem parte da Amazônia! Existe o espaço fantasiado, esse é alvo de holofotes e contraditoriamente, há outro espaço que é invisibilizado, tornando-se alheio para admirações bem como para análises críticas.

Para a primeira concepção sobre a Amazônia, precisamos resgatar a relação Homem natureza, já discutida anteriormente, e assim entender a criação dessa “Amazônia considerada uniforme”, e também as concepções multifacetadas sobre ela. No longo e contínuo processo de ruptura e distanciamento do homem com natureza, tem-se na história as máquinas a vapor sendo inseridas nos países colonizadores, passando a serem usadas como parâmetros tecnológicos de desenvolvimento (Santos, 2002), por infortúnio a demora de sua chegada nos países periféricos, fizeram com que estes continuassem sendo explorado pelos europeus. Claro que houve outros vetores para que a concepção na qual começou a surgir, e se caracterizava ao resumir a natureza, em país não desenvolvido e tradicional.

Dessa caracterização decorrem duas visões que precisam ser vistas com cuidado: a primeira, até aqui dominante, de que sendo a região assim caracterizada ela precisa ser desenvolvida o que, de certa forma, significa ser des-envolvidas, que seja quebrado seu envolvimento para que ela se abra ao mundo, incorporando os padrões de progresso de modernidade. Assim, des-envolver significa tirar daqueles que são do lugar o poder de decidir o seu destino. [...] Já que essas populações não se mostraram capazes de sair do estado de natureza e/ou do atraso (Gonçalves, 2005, p. 21).

Por ser tão vasta comparada com outros biomas, principalmente aqueles no qual quase foram dizimadas como a floresta atlântica, faz com que o grande contingente de natureza seja sinônimo de uma imagem de atrasada. O recinto da “selvageria” permaneceu. O desejo internacional, nacional e de amazônidas de superar esse “impasse” para se igualar a outros padrões socioculturais e materiais de outros países impossibilita de ver a própria riqueza e potencialidades da Amazônia.

Dentro desta perspectiva, nos deparamos com a concepção de Amazônia como recurso. Essa visão não se limita aos interesses mundiais dos atores hegemônicos ou hegemonzados, há um interesse nacional no capital natural, a floresta é como uma área de expansão da economia. Ela é um território verde, algumas vezes manchada em vermelho pelos conflitos violentos pela sua apropriação, que envolve vários atores. “A questão territorial encerra um valor não apenas do ponto de vista da geopolítica governamental é lícito questionar o que está acontecendo com esses valores historicamente estabelecidos” (Becker, 2011 p. 29).

A segunda concepção sobre a Amazônia, é aquela embebida do discurso ecológico e de conservação. Becker (2011) já discursava sobre essa visão global, “O que está sob essa percepção dominante é a questão, a preocupação com o desflorestamento e seus efeitos sobre o clima e o aquecimento do planeta, bem como a perda da biodiversidade” (p. 25). Aqui a natureza é vista como algo a ser preservado, incluindo as vertentes que se englobam nesta concepção que vão além do discurso ecológico e atinge o campo cultural e simbólico, como manter os deuses sem seus adoradores? Sem eles, reforçaríamos então, a visão de Amazônia como uma reserva econômica, e nada mais.

A globalização, ao conectar o mundo de maneiras antes inimagináveis, trouxe consigo uma maior visibilidade para a Amazônia. As questões ambientais globais e a importância da floresta tropical para o equilíbrio climático ganharam destaque, moldando as concepções e comportamentos das pessoas sobre a região. A Amazônia tornou-se um símbolo tanto de desafios ambientais – principalmente na segunda década dos anos 2000, em que a Amazônia ficou envolta de fumaça devido às queimadas, para a expansão do agronegócio, uma das várias demonstrações da primeira concepção sobre o que pensar e fazer a Amazônia – quanto de resistência, sendo frequentemente retratada como um ecossistema frágil ameaçado por atividades humanas.

Partindo para uma escala local e regional, a concepção sobre a Amazônia muda, assim como o uso que se faz dela. Nela a Amazônia

É percebida como um espaço de projeção para o futuro de novas oportunidades para, de atividades, alternativas, de possibilidades, de ascensão de qualidade de vida por diferentes grupos sociais, cada qual com seu jeito, com seus projetos que registram as diferentes demandas locais, influenciadas por ações nacionais e globais (Becker, 2011, p. 32).

São as transformações do uso da terra pelos indivíduos locais, expansão pecuária e agrícola, feitos por pequenos grupos ou dos negócios, onde há a conservação da natureza e lucro em cima dela (Becker, 2011), a concepção aqui para os moradores locais é de que a terra é seu território de garantia de sobrevivência por meio de seu uso. Uma consequência a partir disso, é o Norte como uma floresta urbana, esse fato não surge apenas com a expansão das cidades, mas também dos valores urbanos em áreas rurais, acarretado pelas atividades desenvolvidas pela sociedade, influenciada por outras concepções de níveis globais ou nacionais e dos processos sociais contínuos.

Estruturando as múltiplas concepções já mencionadas, obteríamos a seguinte estrutura:

a) Concepção global: onde a Amazônia é vista como atraso, acervo de cultura e tradições e de

potenciais econômicos. b) Nacional: a natureza também é vista como algo a ser superado, para que de fato se alcance o desenvolvimento, ela não se restringe somente a essa concepção, uma vez que também na magia da Amazônia imaginária, tão corriqueiramente generalizada, merecedora da conservação do bom selvagem (Gonçalves, 2005). c) local e regional: aqui a natureza também é um recurso a ser explorado, entretanto há limites e metas que podem ou não serem alcançados, visto que é o uso do território que lhes são garantem a possibilidade de uma melhor qualidade de vida, independente dos conflitos gerados e atividades desenvolvidas.

## 2. MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E TERRITÓRIO

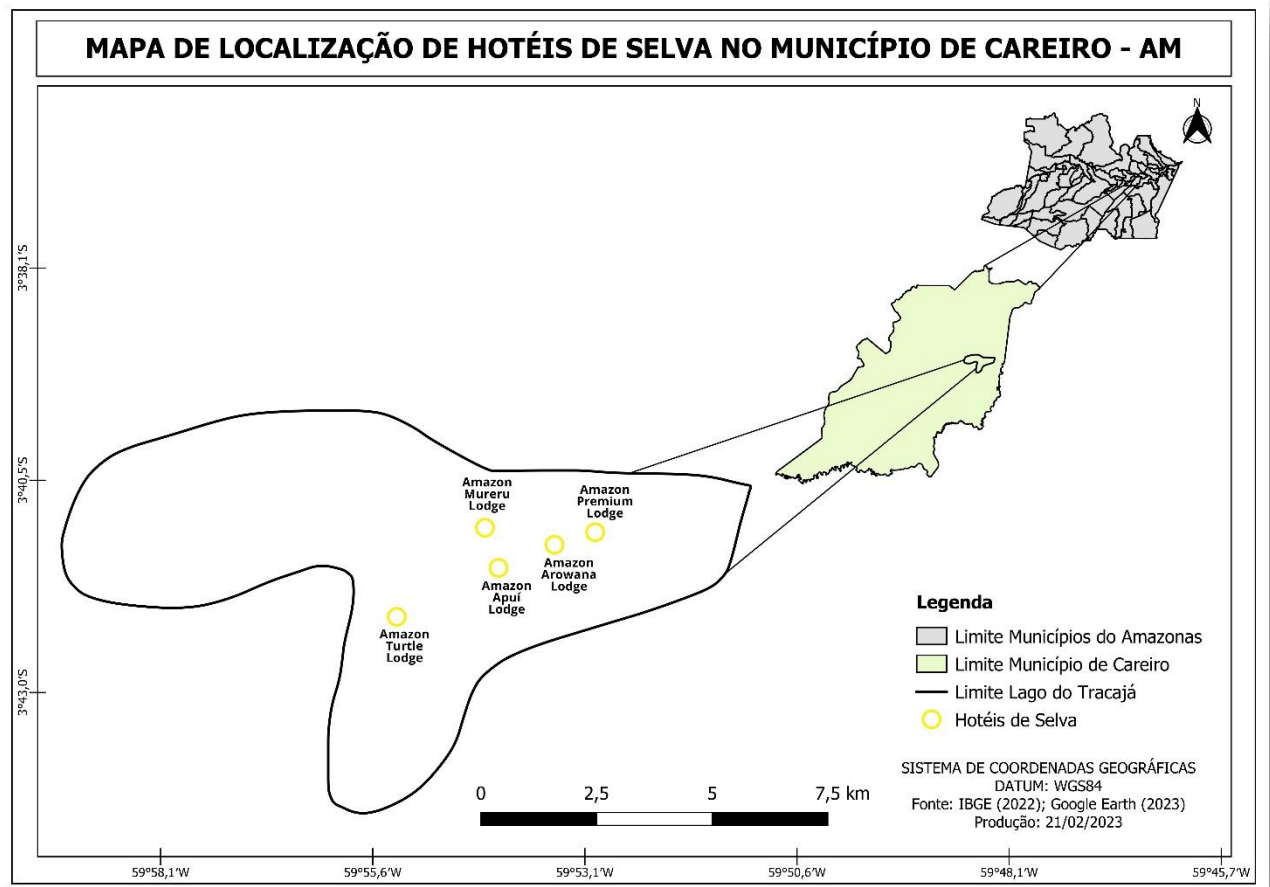
O território por se tratar de um recorte espacial, carrega marcas de seu processo de apropriação enquanto seus aspectos concretos ou simbólicos ao longo dos anos, por seus diversos atores que se encontram inseridos dentro desse sistema (re) produção social e espacial.

Qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos. Para analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trate do contexto específico em que surgiu e dos contextos em que foi defendido e/ou reafirmado (Little, 2002, p.254).

Desta forma, novamente o quesito histórico mostra sua face como aliada de um pesquisador durante o processo de análise dos objetivos para a compreensão do território – de acordo com o propósito da pesquisa, no qual essa por sua vez busca analisar no Lago do Tracajá em Careiro Castanho/AM os impactos ocasionados pelo turismo, os conflitos existentes e sua influência sobre a comunidade local, bem como as dinâmicas sociais e econômicas que surgiram e transformam tal território a partir de inserção da rede hoteleira – resultado do espaço apropriado e territorializado pelo ser humano (Motta, 2005).

O presente trabalho teve como lugar de estudo, o Lago do Tracajá (figura 2), qual se encontra inserido no município de Careiro Castanho, situado na 7<sup>o</sup> sub-região do Rio Negro - Solimões, a 120 quilômetros de Manaus. Esse limita-se aos municípios de Careiro da Várzea, Manaquiri, Iranduba, Autazes, Borba, Manaus e Itacoatiara. O município possui uma população de 30.792 segundo o censo do IBGE de 2022. O acesso ao Lago do Tracajá se dá através do Paraná do Mamori, em que este dá acesso igualmente ao Lago do Maçarico, Lago e Rio Juma.

**Figura 2-** Mapa de Localização dos Hotéis de Selva do Lago do Tracajá



**Elaboração:** Felipe de Araujo Oliveira, 2024.

Devido à diversidade que se encontra no Lago do Tracajá, o território se transformou em uma mercadoria para a indústria turística, caracterizado pela presença do atrativo turístico (natureza), serviços e infraestrutura que visam atrair e atender visitantes, ou seja, um espaço turístico, onde nele “reformula-se o espaço anteriormente ocupado. Aqui também se dá o consumo do espaço” (Rodrigues, 1992, p. 73).

O espaço turístico é gerado, além do que foi destacado por Rodrigues, pelo espaço apropriado no qual imprime as relações sociais materializadas, resultando em novos territórios imbrincadas de poder, ou seja, espelhando neles as relações de dominação e sujeição entre proprietários e comunitários do Lago do Tracajá ao uso destes territórios e, conseqüentemente, aos conflitos territoriais.

## 2.1 O lago do Tracajá antes da rede hoteleira

A escassez de dados acerca do Lago do Tracajá é notável, visto que uma parcela substancial da ocupação territorial na comunidade emergiu a partir de uma invasão promovida por indivíduos procedentes de áreas vizinhas ou migrantes oriundos de outros municípios. Contudo, informações relativas ao território, conforme fornecidas por alguns residentes e trabalhadores, indicam que a primazia na posse da terra do Lago do Tracajá remonta à família Barros, aproximadamente durante os anos de 1900. O primeiro morador documentado foi o senhor Manoel Batista Maia, cujo nome foi adotado para nomear a escola local. Ele adquiriu a propriedade da família Barros após um desmembramento parcial do terreno. Subsequentemente, surgiram outros proprietários que se tornaram detentores de grandes porções territoriais associadas ao Lago do Tracajá, até que, por volta da metade do século XX, a terra foi comprada pela família Lima, mantendo-se como detentora desde então.

De acordo com um trabalhador, a posse da terra pela família Barros e posteriormente a família Lima, equivalia a três lagos – Lago do Juma, Lago do Maçarico e Lago do Tracajá. A ocupação geográfica deste território anteriormente era utilizada para produção agrícola e principalmente pecuária.

A partir da década de 1970, a comunidade experimentou um aumento populacional, inicialmente composto por quatro famílias diferentes, que se instalaram na entrada do Lago do Tracajá, conhecido popularmente como Boca do Tracajá <sup>1</sup>(figura 3). Ao longo dos anos, tal comunidade expandiu-se, dedicando-se predominantemente às práticas agrícolas como meio de subsistência. Estas atividades agrícolas persistiram até a introdução do primeiro hotel.

---

<sup>1</sup> Nomenclatura regional dado para se referir a entrada de um lago. No caso do Lago do Tracajá, sua entrada é comumente chamada de Boca do Tracajá.

**Figura 3** - Boca do Lago do Tracajá



**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Uma outra atividade característica, tanto antes da instauração dos hotéis de selva, consistia na pesca, beneficiando-se da notável diversidade de espécies de peixe no Lago do Tracajá, incluindo tucunarés, pacu, pirarucu, matrinxã e tambaqui. No entanto, o tambaqui, em particular, tornou-se escasso devido ao uso intensivo de malhadeiras para fins comerciais e de consumo.

A prática pesqueira, associada ao desmatamento para a criação de pastos, desencadeou uma série de impactos ambientais, resultando em áreas desmatadas no entorno do Lago do Tracajá. A inserção dos hotéis de selva mitigou boa parte dessa prática, reduzindo a pressão sobre o ecossistema local. No entanto, é importante notar que uma parcela dessa prática resultou na formação de uma floresta secundária. Este fenômeno é congruente com a observação de que, "em ambientes dominados por florestas primárias, o surgimento de florestas secundárias apenas ocorre após eventos climáticos severos, que ocasionam a destruição de porções do ecossistema florestal" (Schwartz; Do Carmo, 2018 p. 255).

Aqui, há 30 anos, tudo era diferente. Naquela época, todos sobreviviam da pesca e da agricultura. A região estava bastante desmatada; não importava para onde você olhasse, tudo estava derrubado (Trabalhador (a) - 1).

Em 2002, a Associação Comunitária de Produtores Rurais do Lago do Tracajá foi criada para representar os interesses da comunidade, em que já possuía aproximadamente 30 famílias neste período. Além das atividades econômicas locais, uma moradora ressalta que festejos que comumente aconteciam no Lago do Tracajá antes dos hotéis de Selva, já não acontecem mais.

Ocorriam muitas festas por aqui. Eu frequentava bastante quando era mais jovem. Após a abertura dos hotéis, as festas diminuíram. Às vezes, penso que era feliz e nem percebia (Morador (a) - 3).

Em 2023, a comunidade já conta com um total de 209 pessoas de 80 famílias diferentes, de acordo com a última contagem da líder da Associação da comunidade. Aumento esse, que se deu pelos hotéis de selva, atraindo também pessoas de outros municípios, incluído de Manaus para suprir a necessidade de mão de obra assalariada.

## **2.2 O Lago do Tracajá após a implementação dos hotéis de selva**

A compreensão sobre o processo de apropriação do espaço, delimitado por um grupo social - na qual sua forma, função, estrutura dependerá do processo e conteúdos inerente ao espaço em questão - demonstra sua importância para o entendimento da dinâmica socioespacial e econômica, turística, que predomina no Lago do Tracajá, e se utilizam dos equipamentos turísticos para a consolidação dessa atividade.

Equipamentos turísticos são aquelas construções básicas para o turismo sem as quais ele não existe e que são construídas, quase exclusivamente por causa dele. Hotéis, alojamentos extra-hoteleiros, transportadoras marítimas, aéreas ou terrestres, agência de viagens e de transporte (Barreto, 1996, p. 52).

Com as mudanças históricas nas relações sociais, o aproveitamento dos elementos naturais e a reestruturação do espaço não ficou alheia a tais transformações, no Lago do Tracajá, essas mudanças se deram após a implementação do primeiro Hotel de Selva em 2007 – com CNPJ em 2011 – acentuando-se nos seguintes, principalmente com o crescimento das hospedagens na qual seguem em intervalos cada vez mais curtos (**Quadro 2**).

**Quadro 2:** Hospedagens do Lago do Tracajá

NOME	MUNICÍPIO	UF	DATA DE ABERTURA	IDADE EM 2023	TIPO DE HOSPEDAGEM
AMAZON TURTLE LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	28/07/2007	16	Alojamento de Floresta - <u>Terra firme</u>
AMAZON MURERU LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	11/02/2017	06	Alojamento de Floresta - <u>Flutuante</u>
AMAZON AROWANA LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	01/03/2018	05	Pousada - <u>Flutuante</u>
AMAZON PREMIUM LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	23/03/2020	3	Alojamento de Floresta - <u>Flutuante</u>
POUSADA TRACAJÁ	CAREIRO CASTANHO	AM	09/08/2021	2	Alojamento de floresta
AMAZON APUÍ LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	06/07/2023	0	Alojamento de Floresta - <u>Flutuante</u>

**Fonte:** Associação de pousadas, hotéis de selva e similares do complexo Mamori/Juma/Tracajá e Maçarico.

**Org.:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

O Amazon Turtle Lodge (figura 4), foi o primeiro hotel de selva criado no Lago do Tracajá, foi concebido por dois empreendedores (irmãos), após sua experiência de trabalho no Juma Amazon Lodge (**Quadro 3**), localizado em Autazes, e posteriormente no hotel de selva Ariaú, situado em Iranduba, onde atuaram como guias regionais. Inicialmente, o empreendimento estabeleceu-se com uma operadora turística por um desses irmãos, esta era incumbida da distribuição, promoção e comercialização dos destinos e atividades oferecidos. A operadora coordenava a alocação dos turistas nos diversos hotéis de selva presentes em Careiro, até que se transformasse em alojamento florestal focado na pesca esportiva e posteriormente em turismo ecológico.

**Figura 4** – Mosaico Do Amazon Turtle Lodge



**Figura:** A) Vista área do Amazon Turtle Lodge e B) seu restaurante.

**Fonte:** Amazon Turtle Lodge, 2022.

**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

O segundo hotel criado no Lago Tracajá foi o Amazon Mureru (figura 5), sua proprietária optou pela criação de um alojamento florestal flutuante em 2017, a sua dona (irmã dos proprietários do Amazon Turtle Lodge) iniciou suas atividades no ramo de hotelaria como funcionária e posteriormente foi incentivada por seu outro irmão (dono do Amazon Arowana Lodge) a abrirem juntos seu próprio hotel de selva.

**Figura 5** – Amazon Mureru Lodge



**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Em 2020, é inaugurado o Amazon Premium Lodge (figura 6) com uma proposta luxuosa dentro da floresta Amazônica, criada por um dos donos do Amazon Turtle Lodge. A ideia surgiu após quatro chalés na qual fugia de a proposta “rústica” serem inseridos no Amazon Turtle Lodge, apresentando uma alta procura pelos turistas devido às características urbanas.

**Figura 6** – Mosaico do Amazon Premium Lodge**Figura:** A) Entrada do hotel de selva, B) Porto do Hotel de Selva Amazon Premium e C) Restaurante do hotel**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Apesar de não ter sido criado dentro do território do Lago do Tracajá, a pousada Amazon Arowana Lodge (figura 7), inaugurada em 2018, inicialmente estava situada no Paraná do Mamori. Contudo, em virtude do incremento de estabelecimentos de hospedagem na florestais e do aumento no fluxo de embarcações, o proprietário optou por relocar a pousada para uma área caracterizada por maior serenidade e pela escassez de empreendimentos hoteleiros.

**Figura 7** –Mosaico do Amazon Arowana Lodge



**Figura:** A) Amazon Arowana Lodge, B) Vista do Amazon Arowana Lodge C) Quarto do hotel.

**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

O mais novo alojamento florestal no Lago do Tracajá é o Amazon Apuí Lodge (figura 8), cuja inauguração ocorreu em 2023, sendo que sua abertura oficial está agendada para 2024, marcando o início de suas operações formais. A proprietária, após experiência em hotéis e pousadas de pesca no Paraná do Mamori, optou por empreender, seguindo a tendência de outros

estabelecimentos na localidade. O Amazon Apuí Lodge direciona-se ao turismo de natureza, especialmente centrado na prática da pesca esportiva.

**Figura 8** – Mosaico do Amazon Apuí Lodge



**Figura A)** Vista do Amazon Apuí Lodge **B)** Interior em construção.

**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

A comunidade apresenta um quantitativo pequeno de moradores, tendo em vista que essa foi formada por 4 famílias. No momento atual da pesquisa a comunidade já consta com aproximadamente 80 famílias de acordo a Líder da Associação da Comunidade.

Tal crescimento está relacionadas com as construções dos hotéis e pousadas inseridas no município de Careiro Castanho, e em sua área rural, principalmente aos inseridos no Paraná do Mamori e aos diferentes lagos que ele dá acesso. Gerando empregos dentro das pousadas e hotéis em diferentes cargos, tais como cozinheiros, guias turísticos, faxineiros, piloteiros<sup>2</sup> e etc.

Estes por sua vez, com desenvolvimento de prestação de serviços, do rearranjo territorial e da criação de novas formas e novas funções para atender à demanda estrutural da atividade turística não só no Lago do Tracajá, fez-se mudar concepções sobre a floresta, mesmo essa passando a ser mais conservada pelos moradores, não por seu valor simbólico, mas sim mercadológico, diminuindo a importância da agricultura para subsistência.

O pessoal da comunidade vê a floresta como uma fonte de renda, ninguém quer mais sofrer plantando (Morador (a) da comunidade 1).

<sup>2</sup> Nome popular dado pela comunidade do Lago do Tracajá aos guias de pescas.

Antigamente, haviam mais roçados para cultivo e comercialização. Atualmente, existem outros meios. Antigamente, mais pessoas estavam envolvidas nesse tipo de trabalho, mas alguns já se aposentaram, e os filhos agora trabalham em hotéis. Eu comecei a trabalhar em um hotel aos 14 anos, ajudando minha mãe, que desempenhava a função de camareira (Trabalhador (a) do hotel 2).

As perspectivas e meios tradicionais, não que tenham desaparecido, visto que na comunidade ainda se encontra algumas permanências nesse modo de vida tradicional como a pesca, encontros para contar histórias de aventuras dentro da floresta ou até na divisão de trabalho familiar, ou seja, as relações entre um indivíduo ou grupo com o espaço que o cerca, isso é a territorialidade presente no Lago do Tracajá.

[...] às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. No nível individual, territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade de grupo ou comunidade (Albagli, 2004, p. 28).

Entretanto é necessário se atentar para como esses hábitos foram influenciados pela necessidade e mão de obra assalariada, tornando-se um vetor para as transformações territoriais que diminui efetivamente a importância da visão simbólica do espaço que os cerca e, da materialidade das hortas plantadas nos quintais das famílias, afetando a própria comunidade e proprietários dos empreendimentos turísticos que precisam se deslocar para outros lugares para ter acesso a esses alimentos. Ademais ao perguntado se houveram mais mudanças sobre hábitos, festividades ou nos valores da comunidade, as respostas foram imediatas.

Ah, com certeza, temos algumas mudanças. Quando começou a construção do primeiro hotel, éramos muito unidos. Quando o hotel ficou pronto, ficamos muito felizes, mas com essa organização, todo mundo se afastou. E também antigamente, as pessoas respeitavam muito a floresta, com seus valores espirituais, lendas essas coisas né. Hoje em dia, é como uma fonte de renda. Os turistas vêm para ver essa parte, e alguns moradores até reservam uma área para ganhar dinheiro. Esse respeito pela mata se perdeu; não vou dizer que não existe mais, mas diminuiu bastante (Trabalhador (a) do hotel 2).

Esse é o lado que eu achei um pouco ruim, o lado da cultura do caboclo. Ele ficou tão obcecado nos empreendimentos, em trabalhar com hotéis, que eles não querem trabalhar com a cultura. Eles preferem ir pros hotéis e ganhar mais. Isso não foi muito legal, afetou de uma forma tão grande essa parte da região que, até coisas como banana e mamão, coisas simples que eles podem plantar, têm que comprar de Manaus. Nós já falamos: vocês plantam e a gente compra, mas eles não querem (Morador (a) da comunidade - 2).

Neste contexto, torna-se evidente um processo contraditório, onde o território, delimitado pela influência predominante do capital turístico, apresenta contradições nas oportunidades de sustento tanto para a rede hoteleira quanto para a comunidade do Tracajá, que tradicionalmente buscaram meios alimentícios para a subsistência.

Algo que deveriam investir era em horta, é necessário pra gente. Tudo que a gente compra vem de Manaus, as alfaces chegam tudo murcho. É pensar em ganhar dinheiro com o turismo, não com o turismo em si, mas fornecer alimento para o turismo. É necessário pra gente (Proprietário (a) de hotel – 1).

Percebe-se que o modo de vida dos moradores é produzido pelo movimento de interação dinâmica com o ambiente que os cerca. Tal mobilidade provoca mudanças nas relações da sociedade com o seu lugar, seja no campo simbólico quanto material. Isto é para Pagès, Bonetti e Gaulejac (1987, p. 119-121), o que conhecemos de desterritorialização,

[...] conjunto dos mecanismos que consistem em separar o indivíduo de suas origens sociais e culturais, em destituí-lo de sua história pessoal para reescrevê-la no código da organização, em desenraizá-lo de sua terra originária para melhor enraizá-lo [...] apagar suas referências originais para substituí-las por outras, conforme os interesses da empresa. [...] Trata-se, portanto, realmente de “deformar” o indivíduo em relação aos seus laços culturais e geográficos para criar uma personalidade nova que está impregnada do espírito e das normas da empresa.

Apesar dos autores referirem-se ao espírito da empresa, facilmente esta frase poderia ser substituída por produção do capital turístico. Afinal, o sentimento de territorialidade está intrinsecamente relacionado com o lugar que esses sujeitos vivem, com suas raízes culturais, nas quais os fazem valorizar o cotidiano no lugar vivido, isto é, o modo simples de viver (a pesca, sair com os amigos, se deitar em redes sob a copa de uma árvore aos sons de pássaros) em que este está em processo de transformação, a floresta ainda é vista como pertencente ao seu lar, no entanto é mais que isso, é vista como um retorno financeiro rápido e abundante.

Eles dão bastante gorjeta, é cultura deles. As gorjetas eram maiores que meu salário, os grupos de turistas agradecem por quase tudo. Um grupo de turistas em 7 dias hospedados davam uns 500 reais ou 700 reais (Morador (a) da comunidade - 1).

Segundo Hall (1997 apud Haesbaert 1999, p. 183) existe três possibilidades de manifestação identitárias. Uma delas se torna visível na entrevista com um guia turístico, nos quais este apresenta contato direto com outras nacionalidades devido ao fluxo de turistas e, conseqüentemente, outras culturas. Esta é “a diluição das identidades pela globalização”

Pior que a gente muda, muda a forma que a gente fala, principalmente quando é brasileiro. O modo da gente falar, o modo da gente agir e interagir até de perceber algumas coisas. Sempre tem que tá no correto, algumas palavras, sabe? Eu falava rápido, ainda falo, mas tem que falar devagar, alguns modos de falar é melhor evitar pra não confundir. Tem uns que são legais, mas outros são meio... entendeu? Mas a gente muda sim (Guia turístico a mais de 10 anos).

Além disso, o turismo transforma os territórios na mesma proporção que cresce os interesses econômicos, essa atividade “altera-se tanto a ‘paisagem’ física como as relações sociais dos moradores da área que passam a gravitar em torno da indústria e da prestação de serviços” (Rodrigues, 2002, p. 57). No Lago do Tracajá essa mudança é visível nos discursos dos trabalhadores, hoteleiros e moradores da comunidade que destacam o desenvolvimento das áreas rurais, com a inclusão de equipamentos urbanos, tais como pizzaria, restaurantes, energia elétrica, wi-fi os motores de seus botes ou rabetas mais potentes, por exemplo.

Aqui, quase não tinha emprego. Depois que surgiram os hotéis, as pessoas começaram a encontrar oportunidades de trabalho. Mas, vou confessar uma coisa: eu já morei em Manaus, e Manaus é uma cidade agitada. Eu e meu marido recebíamos o salário, pagávamos o aluguel, e quando recebíamos, o dinheiro já estava destinado a isso e aquilo, pronto, acabou. Aqui é diferente. Quando vim morar aqui, tínhamos o peixe; no final do mês, já tínhamos o dinheiro, meu salário e o do meu marido. Recebíamos gorjetas, um dinheiro significativo, e ficávamos pensando: "Meu Deus, onde guardo esse dinheiro? Não tenho contas para pagar, não tenho para onde ir". Aí, ficava pensando, "quero comer isso, comer aquilo", mas não tinha opções na época. Hoje em dia, as coisas mudaram. Agora temos pizzarias, um restaurante foi aberto, e antes não havia Wi-Fi, apenas telefone via satélite, sendo necessário procurar o satélite e lidar com a empresa de comunicação. Houve uma grande evolução após a chegada dos hotéis (Morador (a) da comunidade - 1).

Desta forma, esses fatores devem ser vistos relacionados com o crescimento econômico do Lago do Tracajá, uma vez que tal crescimento fundamenta-se na disponibilidade de recursos naturais, capital, mão-de-obra, ou seja, nos fatores de produção (Cavaco, 1996).

**Quadro 3:** Hotéis e pousadas do município de Careiro Castanho.

NOME	MUNICÍPIO	UF	DATA DE ABERTURA	IDADE EM 2023	TIPO DE HOSPEDAGEM
JUMA AMAZON LODGE	AUTAZES	AM	22/04/1999	24	Alojamento florestal
DOLPHIN LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	06/12/2005	18	Alojamento florestal
POUSADA ARAÇA	CAREIRO CASTANHO	AM	27/06/2007	16	Alojamento florestal

ARARINHA JUNGLE HOTEL	CAREIRO CASTANHO	AM	07/08/2007	16	Alojamento florestal
POUSADA MAMORI AMAZONAS	CAREIRO CASTANHO	AM	11/09/2007	16	Alojamento florestal
AMAZON BOTO	CAREIRO CASTANHO	AM	24/06/2008	15	Pousada
AMAZON TURTLE LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	28/07/2011	12	Alojamento de Floresta
POUSADA JUMA KABANAS	CAREIRO CASTANHO	AM	16/10/2013	10	Alojamento florestal
POUSADA TUPANA LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	02/04/2014	9	Alojamento florestal
POUSADA AMAZON RAIN FOREST	CAREIRO CASTANHO	AM	14/07/2016	7	Alojamento florestal
AMAZON TUCUNA EXPEDITION	CAREIRO CASTANHO	AM	21/07/2016	7	Alojamento florestal
POUSADA PÔR DO SOL	CAREIRO CASTANHO	AM	10/02/2017	6	Alojamento florestal
POUSADA MURIRU PESCA E TURISMO	CAREIRO CASTANHO	AM	11/02/2017	6	Alojamento florestal
AMAZON MURERU	CAREIRO CASTANHO	AM	11/05/2017	6	Pousada
RECANTO DO MAÇARICO	CAREIRO CASTANHO	AM	24/05/2017	6	Alojamento de floresta
POUSADA ALTO JUMA FISHING	CAREIRO CASTANHO	AM	07/08/2017	6	Alojamento de floresta
POUSADA TOCA DO AÇU	CAREIRO CASTANHO	AM	07/08/2017	6	Pousada
AMAZON RHANNA LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	11/08/2017	6	Pousada
CABANA	CAREIRO	AM	01/09/2017	6	Alojamento de

NATIVA PARAÍSO	CASTANHO				floresta
SERINGAL JUNGLE LODGE HOTEL DE SELVA	CAREIRO CASTANHO	AM	20/09/2017	6	Alojamento de floresta
HOTEL ARRUDA'S	CAREIRO CASTANHO	AM	25/09/2017	6	Hotel
POUSADA DOS BRUTOS	CAREIRO CASTANHO	AM	22/02/2018	6	Alojamento de floresta
AMAZON AROWANA LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	01/03/2018	5	Pousada
CABANA AMAZON FISHING	CAREIRO CASTANHO	AM	27/06/2019	4	Alojamento de floresta
POUSADA CARAMURI	CAREIRO CASTANHO	AM	07/08/2019	4	Alojamento de floresta
MAMORI AMAZON LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	27/01/2020	3	Alojamento de floresta
AMAZON BRANQUINHO LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	21/02/2020	3	Alojamento de floresta
AMAZON RHANNA FISH	CAREIRO CASTANHO	AM	06/03/2020	3	Alojamento de Floresta
AMAZON PREMIUM LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	23/03/2020	3	Alojamento de floresta
POUSADA & RESTAURANTE IGAPO-AÇU	CAREIRO CASTANHO	AM	26/04/2021	2	Pousada
POUSADA TRACAJÁ	CAREIRO CASTANHO	AM	09/08/2021	2	Alojamento de floresta
POUSADA BIG FISH	CAREIRO CASTANHO	AM	26/01/2022	1	Alojamento de floresta
KEKA PARQUE LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	26/04/2022	1	Pousada
TEMENSIS HOTEL	CAREIRO CASTANHO	AM	30/03/2023	0	Alojamento de floresta

CHOPANA LODGE FISH	CAREIRO CASTANHO	AM	24/04/2023	0	Alojamento de floresta
HOTEL FAZENDA TORRE FORTE	CAREIRO CASTANHO	AM	19/05/2023	0	Alojamento de floresta
AMAZON SAMAUMA LODGE FISHING	CAREIRO CASTANHO	AM	03/07/2023	0	Alojamento de floresta
AMAZON APUÍ LODGE	CAREIRO CASTANHO	AM	06/07/2023	0	Alojamento Florestal
TEMENSIS HOTEL	CAREIRO CASTANHO	AM	30/03/2023	0	—
HOTEL CONSERVIL	CAREIRO CASTANHO	AM	03/04/2019	4	—
CORUJÃO GOLD HOTEL RIO TUPANA	CAREIRO CASTANHO	AM	31/03/2016	7	—

**Fonte:** Associação de pousadas, hotéis de selva e similares do complexo Mamori/Juma/Tracajá e Maçarico/Cadastur.

**Org.:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

A partir do quadro, nota-se que o município de Careiro Castanho-Am conta com mais de 40 tipos de hospedagens, sendo 26 delas encontradas no complexo dos lagos do Mamori - Juma - Tracajá e Maçarico, segundo a Cadastur, em 2023. Pode-se dizer igualmente, que mais da metade dos estabelecimentos criados estão inseridos em áreas florestais, cercados desta natureza que é apropriada, dominada e objetificada pelo antropoceno.

### 2.3 O território do Lago do Tracajá

Conforme o já visto durante no decorrer deste trabalho, compreendemos que o território é fruto do espaço e usado por diferentes atores, estes por sua vez o territorializa. No Lago do Tracajá, onde há a inserção do turismo pelos hotéis de selva e pousadas percebe-se as relações de poder ao controlar, criar uma representação e agregar um valor no espaço, afinal o poder é uma parte intrínseca das relações sociais e econômica, ele revela as finalidades a partir das intencionalidades (Raffestin, 1980).

A presença inicial dos hotéis de selva na área estudada, sugere um exercício de poder por parte dos empreendedores que decidiram estabelecer seus negócios, pois é uma manifestação de poder territorial, visto que representa uma forma de controle concreto sobre o território, bem como o primeiro hotel de selva implicou sobre as decisões sobre o uso do solo a partir da influência ecológica sobre o Lago do Tracajá, afetando a comunidade locais (conforme o visto no item 2.2), suas práticas tradicionais e seu acesso aos recursos naturais (conforme o item 3.3.2).

A comunidade do Lago do Tracajá, bem como outras comunidades em que estão inseridas em espaços turísticos, recebem cursos disponibilizados pela prefeitura de Careiro Castanho e pelo Estado através da AMAZONASTUR em conjunto com o CETAM (2024), sobre conscientização ambiental, treinamentos para a pesca esportiva, cursos de idiomas, ou seja, cursos profissionalizantes. Mostrando que o município, assim como o Estado é a favor do mercado, envolvendo políticas e estratégias públicas para o crescimento deste setor, visando atrair um maior fluxo de turistas.

Dentro da nova dinâmica da acumulação capitalista, (o turismo) responde às crises globais e ampliadas do capital mundial, submetendo diretamente o Estado em favor do mercado, embora e aos poucos, a sociedade civil de vários lugares descubra estratégias de beneficiar-se economicamente com ele, ou a partir dele (Coriolano, 2006, p. 368).

Em entrevistas, nota-se que a floresta é facilmente vista como um meio lucrativo, com a capacidade de atrair turistas, gerando novas funções a partir dessa atividade alicerçando para que a comunidade busque participar dessa economia emergente. Isto é, uma tentativa de reivindicar uma parcela do poder na indústria turística, construindo seu próprio hotel e pousada, moldando o espaço para atender seus interesses.

Eu já trabalhei em pousada em 2019, meu marido é piloto há mais de 20 anos, então ele trabalhou há muito tempo com o turismo. Eu trabalhava com mais de 40 pessoas, interagia, conversava e fui fazendo amizades. Ai ao invés de trabalhar para os outros, resolvi abrir meu próprio negócio, senti essa vontade. Eu trabalhei na pousada do senhor xxxx, eu pensava “Poxa eu trabalho e trabalho” eu vi como crescer, como expandir, e pensei “eu não vou sair daqui como funcionária”, passei 20 anos trabalhando para os outros, eu queria ter meu próprio negócio e empreender. Mas eu quero trabalhar com turismo ecológico, prejudica menos o meio ambiente, mas primeiro vai ser de pesca esportiva (Proprietário (a) de hotel - 2).

Essa vontade é notória para os grupos participantes: proprietários, trabalhadores e comunidade, uma vez que todos os donos sofrerem alguma influência para abrir seu próprio negócio após o contato com outros hotéis. Durante a pesquisa foi questionado se há chance de

surgirem mais pousadas ou hotéis de selva no Lago do Tracajá, e a resposta foi: sim, visto que os mesmos têm a percepção da possibilidade de acumulação de capital, isto é, o território sendo apropriado pelos interesses locais. Esse debate, vem acompanhado de uma preocupação, um reflexo visto em outros lagos, como o do Maçarico ou Juma, o crescimento desordenado do turismo pelas hospedagens.

O que acontece, como o pessoal viu que a pesca dava dinheiro, eles falavam “não” se o cara conseguiu, por que eu não posso fazer também? Ai o que eles faziam, eles pegavam os clientes de pesca, não era ecológico por que é mais complicado, tem que ter o guia que fale dois ou três idiomas, tem que ser certificado. O pescador não, o público já é mais brasileiro que vem visitar e pra fazer acontecer tem que ter só o nativo mesmo. Ai o que eles fazem, eles começam a levar os turistas pra casa e tal, o pessoal mesmo fala “faz dois ou três quartos aqui”, demora mais um pouco os caras abrem um hotel. É por isso que tem muito hotel, principalmente hotel de pesca esportiva [...] já está ficando saturado, já saturou (Trabalhador (a) -3).

No Lago do Tracajá não tem tanto ainda, mas na região tem bastante por causa da pesca esportiva, que é algo que tem um grande potencial. Mas que é outra coisa importante que eu vou falar pra você, a questão do ordenamento, a gente precisa ordenar o turismo para que a gente trabalhe de forma sustentável. Para ter rentabilidade para o nosso hotel e distribuir essa renda, para ter responsabilidade social com a comunidade. Mas a gente tem que ter essa visão, esse olhar e o que muita gente não tem. [...]. Eles tão (nessa atividade) por que vê que dá pra ganhar dinheiro, vão lá e colocam (Proprietário (a) de hotel-1).

Segundo os entrevistados, percebeu-se que os alojamentos florestais têm início com o segmento de pesca esportiva. Essa por sua vez, segundo o Ministério do Turismo (Brasil, 2022) é uma atividade em expansão na qual movimentava mais de R\$ 1 bilhão anualmente para economia nacional, somando mais de 6 milhões de praticantes apenas em solo brasileiro. Esse crescimento não somente no Brasil, é um reflexo internacional em que não passou batido no ano de 2022, sendo anunciada pelo Mtur a campanha de pesca esportiva: Fish in Brazil and be hooked – “Pesque no Brasil e seja fígado” para atrair estrangeiros.

Embora essa prática demonstre aumento significativo no Brasil, há um crescimento estrutural paralelo de equipamentos turísticos para comportar a demanda dessa atividade. Em áreas propícias para a pesca e solta, quando realizada constantemente pelos inúmeros empreendimentos de maneira inadequada, a mesma se torna prejudicial não somente para esse ecossistema aquático, mas também para os moradores de determinada comunidade, uma vez que deparar-se com os peixes feridos ou mortos pode vir a se tornar comum.

Essa realidade é encontrada e relatada pela líder da comunidade, ao citar sobre a procura destes empreendimentos por comunitários, entre eles de menores de idade, para realizar

certas funções, entre elas o manejo da pesca e solta, quando os mesmos não apresentam o conhecimento para praticar essa ação.

Mostrando que a gestão territorial e planejamento turístico são mais que necessários, não somente no Lago do Tracajá, mas em outras localidades, diante do aumento dos números de pousadas e hotéis de selva, bem como os alojamentos não licenciados por órgãos fiscalizadores como o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas<sup>3</sup> (IPAAM), nos quais estes apresentam potenciais causadores de danos ambientais e problemas aos lugares receptores. O planejamento

(...) remete ao futuro: planejar significa tentar prever a evolução de um fenômeno (...) tentar simular os desdobramentos de um processo com o objetivo de melhor precaver-se dos prováveis problemas ou, inversamente, com o fito de melhor tirar partido de prováveis benefícios. De sua parte, gestão remete ao presente: gerir significa administrar uma situação dentro dos marcos dos recursos presentemente disponíveis e tendo em vista as necessidades imediatas. (...) Planejamento e gestão são distintos e complementares (Souza, 2002, p 46).

É válido destacar que de acordo com o líder da Associação de pousadas, hotéis de selva e similares do complexo Mamori/Juma/Tracajá e Maçarico, o Lago do Tracajá apresenta o menor número de alojamentos florestais, em comparação com o Lago do Juma, Maçarico e Mamori.

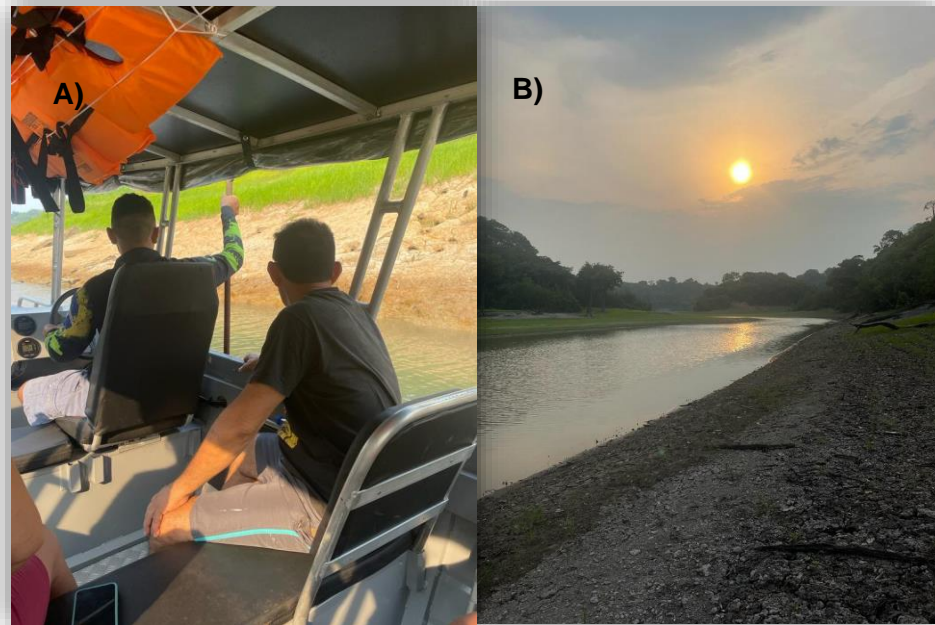
Você percebeu que aqui tem menos que nos outros? No Juma e no Maçarico (lagos) tem muito, só lá dentro do Maçarico, acho que tem mais de dez e o Lago é menor do que o Tracajá. Aqui tem só seis, contando com o meu (Proprietário (a) de hotel - 2).

Outro fato interessante a ser citado é que um dos trabalhos de campo ocorreu no mês de novembro, assim como em outros lugares, o Lago do Tracajá sofreu influência da seca dos rios (figura 9) e, conseqüentemente, afetando o fluxo de turistas. Ademais, observou-se similaridades com Manaus e outros municípios enquanto a presença da fumaça proveniente das queimadas (figura 10). De acordo com relatos, os focos de incêndio tinham como origem comunidades nas quais não possuíam ou pouco se trabalhava com o turismo.

---

<sup>3</sup> O Instituto de Proteção Ambiental (IPAAM), tem como atividade o controle ambiental que se refere ao licenciamento, fiscalização e monitoramento ambiental. Sob a missão “Executar a Política de Controle Ambiental do Estado do Amazonas, visando o desenvolvimento sustentável”.

**Figura 9** – Mosaico do Período de Seca no Lago do Tracajá



**Figura:** A) Medição da profundidade na boca do Lago do Tracajá realizada com o remo, B) Registro da seca em uma parte do Lago do Tracaja.

**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

**Figura 10** – Aspecto Acinzentado Ocasionado Pelos Focos de Queimadas



**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

A realidade encontrada pelas turistas entrevistadas demonstra, de acordo com as mesmas, a contraditoriedade que recai sobre a Amazônia, pela expansão da agropecuária no estado, principalmente na sua porção sul.

O que eu estou achando... então a única coisa que você vê aqui é a fumaça e seca e pensa como seria em outra época. Todos vocês falam como é quando está cheio. Aí quando você vê, fica tentando imaginar como era em outro momento. Não foi decepcionante, não no sentido egoísta, não no sentido de uma coisa triste. Porque vindo para cá, dá para ver que não é algo normal, que não é natural. E o ar não é uma coisa para respirar tranquilo e bem. O cheiro é uma coisa feia; a gente veio de Presidente Figueiredo, uma coisa linda; a gente já viu muita beleza. Mas vim aqui nesse panorama é uma coisa triste, você acha que vai estar perto das árvores e acha que o ar vai ser bom, mas a realidade é outra (Turista espanhola).

Não é decepcionante como turista, mas com a humanidade. Eu quero voltar no período de chuva. A gente pensou em desistir da viagem. A uma semana quando a gente soube da fumaça não sabíamos da qualidade do ar, ficamos muito preocupadas, se podia piorar, se podia melhorar. Ninguém quer ir pra uma região pra sofrer, pra passar mal, aí entramos em contato com algumas pessoas de Manaus e elas falaram que já estava melhor por causa da chuva, que a poeira já tinha baixado e viemos. Mas eu gostei de vim (Turista Paulista).

Nota-se então como eventos naturais e atividades humanas fora do âmbito turístico podem influenciar negativamente a percepção e a atratividade turística da Amazônia, assim como nas experiências propostas pelo hotel de selva ao vender a imagem da Amazônia, reforçando também a concepção de preservar a Amazônia diante das problemáticas ambientais e de sua importância para o equilíbrio planetário.

### **3. A REDE HOTELEIRA E A COMUNIDADE DO LAGO DO TRACAJÁ**

O espaço e conseqüentemente o território carrega as marcas dos processos históricos. O Amazonas tem o teatro Amazonas, uma marca da belle époque na paisagem. “O território uno”<sup>4</sup> (Fernandes, 2009) do Rio de Janeiro ou espaço de vivência/lugar do Rio de Janeiro tem o monumento do Cristo Redentor, caracterizando O Rio na qual conhecemos e não conseguimos desvincular tal imagem impressa em cartões postais ou em cenas de filmes ao mostrar o Brasil.

As mudanças na paisagem são inerentes ao passado, em alguns lugares mais que outros, isto é o espaço-tempo revelando a sua relatividade. No Lago do Tracajá a transformação é visível nos discursos dos trabalhadores, hoteleiros e moradores da comunidade que destacam como o surgimento dos hotéis promoveram uma maior conservação da floresta, considerando as grandes extensões desmatadas para a produção agrícola e pecuária. Entretanto, essa preservação se deu pela comercialização da imagem da Amazônia pela rede hoteleira, ou seja, mais uma vez a capital mostrando com toda a sua subjetividade, que a natureza é um capital.

É nessa lógica de acumulação sobre essa natureza dita como selvagem – onde ironicamente, é o homem que mostra suas garras sobre ela, ao se apropriar de tais elementos naturais e explorá-lo para seus roteiros turísticos – que nos deparamos com os possíveis problemas ambientais e sociais, na qual gera conflitos territoriais por diferentes grupos pelo uso desses elementos, bem como sua exploração.

#### **3.1 A Amazônia como mercadoria do Lago do Tracajá**

Empresas do ramo da tecnologia disputam na contemporaneidade para verem quem/ o que lançam de melhor, aparelhos telefone celular, televisões, tablets, notebooks, computadores entre outros. Novos aplicativos integram milhões de usuários de diversos países, um exemplo mais que comum na era da globalização vigente. Armazenam e guardam em suas fotografias e vídeos diferentes temporalidades, sendo vistas simultaneamente, ou em outro período de tempo, por esses sujeitos. Desta forma não podemos deixar de destacar que estamos falando do ciberespaço, apesar de não ser o intuito aqui, adentrar sobre tal assunto.

---

<sup>4</sup> Espaço de governança para Fernandes, ao propor tipologias sobre o território.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que eles navegam e alimentam esse universo (Lévy, 1999, p. 17)

Dentro deste espaço cibernético, um novo conceito vem ganhando notoriedade nos debates sobre a era informacional ou tecnológica: o feudalismo digital, ou tecno-feudal onde as várias plataformas existentes extraem os dados de seus usuários/assinantes as organizando criando propagandas atrativas o bastante para influenciar seus comportamentos de consumo, disponibilizando também seu espaço (virtual) para seus usuários produzirem conteúdos que podem vir a se tornarem monetizados. Para Santos (1994) a mídia é a grande julgadora do que é necessário, captando a atenção através do sensacionalismo

A questão é: vivemos em uma era de imagens, onde as mesmas ganham força pelos meios de comunicação e bombardeiam continuamente milhares de pessoas com informações. Essas imagens carregam uma mensagem, criada por um autor ou grupo em que possui uma intencionalidade e as usam para um alcançar uma finalidade, as informações nessas imagens seria então o que chamamos de poder, o poder com letra minúscula, visto que “O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio” (Raffestin, 1993, p. 52).

Desta forma, dentro dos vários fatores que levam um turista a viajar, a imagem se torna uma dela, bem como a imaginação e a paisagem de determinado espaço/território.

A paisagem ganha, desta feita, grande destaque no mundo das imagens do turismo. Torna-se um recurso. É vendida com forte dose de fantasia. Negocia-se o verde da floresta, o cume das montanhas, o pôr-do-sol dourado, a praia ensolarada com mar azul engastado por coqueiros. Este imaginário quanto mais distante de nós mais exótico se torna. Exerce maior encanto, mistério e estímulo (Martinelli, 2001 p. 161).

Esse mito da natureza intocada construiu a idealização de um paraíso perdido, repleto de beleza primitiva, e logo uma natureza sem intervenção humana, nessa idealização a natureza se torna um refúgio contra o mal, e, portanto, carregando posturas ingênuas e simplistas (Bruhns, 2010). Ora senão, o que mais exótico do que uma imersão na selva proposto pelos hotéis de selva, em uma experiência “afastada” da sociedade, perto da natureza o bastante para vivenciar o que seria o mito do “Bom Selvagem”?

O conceito de wilderness (mundo natural/selvagem) como terra intocada ou domesticada é, fundamentalmente, uma percepção urbana, uma visão de pessoas que vivem longe do ambiente natural de que dependem como fonte de matéria-prima. Os habitantes da zona rural têm percepções diferentes das áreas que os urbanos designam como wilderness e baseiam seu uso da terra

em visões alternativas. Muitos camponeses têm uma relação pessoal com o meio ambiente (Gomez-Pompa e Kaus, 1992, p. 273).

Claro que, com a dispersão destas imagens estão alicerçadas com as fontes midiáticas, através das publicidades, que transformam espaços em desejáveis. “A promoção deste espaço vai ao encontro da imagem que se forma na mente das pessoas em razão da fantasia” (Martinelli, 2001 p. 161). O ecocapitalismo, ao vender a ideia da indissociabilidade do Homem com a natureza, só evidencia um paradoxo dessa lógica de acumulação de capital sobre os elementos da natureza, assim como seu consumo seletivo, ou seja, somente para aqueles que podem pagar e desfrutar de uma parcela da Amazônia, revalorizada, segura, reorganizada e romantizada. Mas que ao mesmo também não valorizam as territorialidades dos povos dessas Amazônias, pois não satisfazem a lógica de acumulação sobre a imagem hegemônica da Amazônia pelo setor turístico.

Ao analisar as redes sociais (figura 11), principais meios de divulgação dos hotéis e pousadas do Lago do Tracajá, percebeu-se que o uso da concepção da mãe terra, intocada e repleta de simbolismo. Uma visão caricata da Amazônia hegemônica, facilmente vista na cinematografia.

Como no filme Anaconda e seus perigos, filme que teve parte de suas gravações no hotel de selva ARIAÚ Amazon Towers ou do Rio 2, que se utilizou do som ambiente da floresta, capturado no Amazon Turtle Lodge, para demonstrar a diversidade da fauna Amazônica.

**Figura 11** – Mosaico das Propagandas dos Hotéis de selva.



**Fonte:** Amazon Turtle Lodge e Amazon Mureru Lodge.

Essas ideias em relação a natureza amazônica sendo “exótica”, “selvagem” “misteriosa” e diversa, apareceram nos discursos dos turistas entrevistados — rotulando a região como um paraíso cheio de vida e perigo.

Eu achei que aqui na Amazônia tem uma diversidade muito grande. Caminhando nas árvores, tem de várias espécies, é tudo tão diferente e tão rico. É um paraíso, dá pra ver isso. Mas também dá para ver o perigo, porque aqui tem onça, cobra, jacaré (Turista espanhola).

Ao perguntado sobre as expectativas sobre o que esperavam encontrar, as respostas obtidas foram:

Eu queria ver bicho, queria ver araras, tamanduá. Eu só vi tamanduá no zoológico. Queria ver onça também. Eu queria ver bicho, sabe? Achei que fosse vê bem mais quando chegasse aqui já que a gente tá na selva amazônica (Turista Paulista).

Quando eu cheguei aqui notei uma grande diferença no clima, é a primeira vez que saí do meu país. Quando cheguei, não sabia que estava no período da seca, mas dava pra ver o quanto o rio é volumoso (refere-se às marcações de água nas árvores). Minha expectativa era ver mais animais, a floresta bonita e úmida dentro dela, achei diferente. É exótico (Turista russa).

A idealização exacerbada de selva sendo sinônimo de floresta intocada, e por consequência, repleta de animais, se mostrou comum no imaginário dos turistas. Na qual se faz esquecer que existe um desequilíbrio ecológico devido às relações territoriais na qual tem como base a organização espacial, e que não favorecem por motivos óbvios, a fauna e flora.

Os hotéis de selva oferecem pacotes turísticos, nos quais seguem roteiros que variam na disponibilidade de seus serviços ou alojamento florestal. Esses roteiros incluem: trilha, pesca esportiva, focagem de jacarés, passeios pelo lago de caiaque e etc. Entretanto, passeios em trilhas ganham o nome de trilha na selva, passeios noturnos por sua vez recebem o adjetivo de sobrevivência na selva – palavra comumente usada no ramo turístico da região norte por despertar o imaginário de quem vem de fora. “Uma paisagem pode tornar-se mais atraente depois de revelada pelos olhos de um pintor, provocando o desejo da viagem” (Bruhns, 2010, p. 158).

Ao longo da história o relato da natureza como bela e pura, foram motivo de sucesso para visitas e explorações artísticas ou pelo capital turístico. Bem como o “descobrimento” de algumas áreas rurais da Inglaterra por seu encanto que ficou alheia a muitos olhares até serem descritas em obras literárias. Como por exemplo, o Vale de Wye, que passou a ser bastante visitado após descrições lisonjeiras na obra de 1727, *As estações*.

O Lago do Traçajá é comercializado, desta mesma maneira, onde a Amazônia não é vendida somente através do equipamento turístico, ou seja, hospedagem inseridas dentro de uma parte da Amazônia legal. Os roteiros disponibilizados pelos mesmos é aqui o principal. Visto que, são as atividades desenvolvidas durante o período disposto pelos pacotes dos hotéis<sup>5</sup> que permitem aos turistas concretizar suas motivações ao escolherem o destino em questão.

A Amazônia sempre ofereceu ao homem, visões das suas potencialidades econômicas. O látex extraído das seringueiras nos séculos XIX e XX, o grande projeto de Carajás criado após sua revelação pelo Radam-Brasil na década de 1970, até mesmo seu território demonstrava valor para investimentos estrangeiros para a implementação de indústrias que buscavam insumos mais baratos.

Eu entendi, que o que eu faço aqui é nada mais que transformar toda a natureza em uma mercadoria e eu vender. Eu vendo a natureza transformada em uma mercadoria, de forma claro, sustentável. Só para observar, não pode levar nada, o peixe é 100% zero, ninguém pode pegar e trazer para minha pousada (Proprietário (a) de hotel - 2)

No turismo, os elementos naturais são os atrativos, é a mercadoria aqui. Na qual muitas vezes por estar dissociada do uso predatório destes elementos, cria-se a idealização do turismo ecológico ou ecoturismo serem, em sua totalidade, o meio econômico “perfeito”. O intuito não é dizer o contrário, tendo em vista que o desenvolvimento no qual preze pelas relações harmônicas entre as cinco sustentabilidades (Sachs, 1993), é o mínimo que podemos oferecer após tantos devassamentos do ser humano para com a natureza. Entretanto é preciso se ater aos impactos – não só os ocasionados pelo turístico, mas sim no geral – em seus prismas sociais e ambientais.

### **3.1.1 Os hotéis de selva e pousadas ecológicas**

De acordo com Knafou (1996), existem três perspectivas sobre o turismo e sua relação com o território:

- a) Território sem turismo – o território não apresenta um atrativo turístico tanto em seus aspectos material (físico) quanto ao seu aspecto imaterial (simbólico), entretanto podem vir a ter por meio da criação ou da descoberta desses atrativos.

---

<sup>5</sup> Os pacotes disponibilizados pelos hotéis apresentam uma diversidade de itinerários de atividades e períodos de tempo para vivenciá-las.

- b) Turismo sem território – A princípio, ao ler parece impossível dissociar ambos, todavia, para compreender tal conceito é necessário resgatar a ideia que um território possui uma identidade. Essa é a territorialidade, ou seja, é uma marca (i)material da do espaço vivido de um determinado grupo em um espaço delimitado. Logo, um turismo sem território é um turismo no qual não importa sua dimensão material ou imaterial, uma vez que pode ser encontrada em vários territórios, se transformando em um turismo sem território, ou seja, sem uma identidade.

Poderíamos dizer que alguns empreendimentos de hotéis de selva podem ou são um tipo de turismo sem território. Os hotéis na selva se assemelham com os hotéis na savana africana, nos quais estes também possuem pacotes turísticos que visam atrair experiências únicas dentro do contexto daquela região, em suas hospedagens parecidas com as encontradas no interior das florestas da região norte do Brasil. A partir do momento que se utiliza de elementos nos quais não fazem parte da territorialidade de um determinado território, ou seja, “ignoram os territórios nos quais estão inseridos” (Faria, 2008, p. 55) como por exemplo uma atração chamada de “A casa do Tarzan” inserida dentro da floresta amazônica.

- c) Território turístico – um território turístico é um “território inventado para os turistas” Knafou (1996).

Embora possa ser confundível, território e espaço turísticos são distintos, uma vez que o território é exclusivamente criado para os turistas, enquanto o espaço turístico é produzido pelo turismo. Em ambos os casos será encontrado acomodações, transportes, restaurantes, áreas para o lazer entre outras comodidades para os hóspedes.

Nesta perspectiva, nota-se que os hotéis de selva são uma centralidade para os turistas. Pois é ele e nele que irão se encontrar tais infraestruturas. Porém “isto traz problemas delicados de planejamento, já que não é somente o espaço que se “planeja”, mas sim toda a sociedade” (Knafou, 1996 p. 73). Como foi percebido, existe a preocupação de um crescimento desordenado do turismo no Lago do Tracajá, o que mostra a ausência de um planejamento turístico, acarretando em aspectos não favoráveis para os grupos inseridos neste território. Esse impacto é sentido pelos hoteleiros e comunidade local e, conseqüentemente, faz-se gerar conflitos territoriais.

Ademais, as contraditórias relações entre economia e uso sustentável colocam em xeque a ausência de pensar o turismo e principalmente o território. Desta forma, encontramos de um lado o crescimento econômico a curto prazo e do outro a perda a longo prazo da sustentabilidade socioambiental.

As hospedagens possuem um conjunto léxico que podem variar entre hotéis de selva, Lodges ou ecolodges possuem em sua arquitetura e administração com a característica sustentável, especializado no contexto Amazônico.

(...) algumas das características que um ecolodge deve necessariamente apresentar são: estilo arquitetônico em harmonia com o meio natural e cultura no meio no qual se insere; aplicação dos princípios de sustentabilidade no projeto — que inclui a minimização do uso de energia e de materiais de construção não renovável; utilização de materiais recicláveis onde for possível; atuação em harmonia com as comunidades receptoras, oferecendo-lhes oportunidade de emprego que envolvam responsabilidade crescentes; contatos com os fornecedores locais; participação nas iniciativas que promovam a conservação do meio; e as pesquisas científicas — tanto no setor público como no privado. Além disso, os empreendedores de ecolodge devem oferecer programas de educação ambiental aos turistas, promovendo o entendimento das características e das singularidades (Lindemberg; Kreg; Hawkins; Donald 1995, p. 151).

De acordo com Faria (2008) existem três segmentos do turismo: Turismo de natureza, turismo cultural e ecoturismo, sendo esse último a junção dos dois primeiros. Nesses segmentos, encontraremos outras tipologias, que serão caracterizadas de acordo com as motivações do turista ao se deslocar.

Tanto o segmento de natureza, quanto o ecoturismo trabalham com o quesito ecológico. Ao escolherem o turismo ecológico ou ecoturismo, os hotéis de selva precisam se comprometer em proporcionar aos hóspedes uma experiência educativa e imersiva na natureza. Guias locais especializados são em sua maior parte responsáveis em conduzir as excursões que destacam a importância da conservação, apresentando a fauna e flora únicas da região. A conscientização ambiental é, assim, uma parte intrínseca da estadia.

Os turistas comentam. Se você vê uma garrafa jogada, você tem que parar e pegar. Se não eles falam, o guia que estava comigo viu uma garrafa lá, e deixou. A gente tem que mostrar o exemplo, tem que ser o exemplo (Guia turístico – 1).

A maioria que vem pra cá já têm consciência de não poluir, a maioria quem tem mais essa consciência é quem vem de fora, brasileira tem bem menos (Proprietário (a) de hotel-2).

Além disso, a concepção por parte dos trabalhadores e donos dos empreendimentos ecológicos, mostram seus pensamentos alinhados ao desenvolvimento econômico individual/coletivo e sustentável. É desta forma, para eles, um ecoturismo voltado para o mercado que proporciona a aceleração da ampliação deste ramo no município de Careiro Castanho, resultando no desordenamento do turismo.

O ecoturismo praticado no Brasil é uma atividade ainda desordenada, impulsionada, quase que exclusivamente, pela oportunidade mercadológica, deixando, a rigor, de gerar os benefícios socioeconômicos e ambientais esperados e comprometendo, não raro, o conceito e a imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados interno e externo (Grupo de Trabalho Interministerial MMA-MICT-IBAMA-EMBRATUR, 1994, p. 3).

O crescimento exacerbado deste mercado pode vir, e vem em alguns espaços receptores negligenciando aspectos importantes para o funcionamento e manutenção deste modelo, em função do lucro. Sendo ele um “pretexto para uso indiscriminado de espaços que deveriam merecer proteção contra a exploração tipicamente comercial” (Corrêa 2000, p. 95).

Estamos assim, diante do fenômeno do capitalismo, que consiste da produção do capital através do “equilíbrio” entre a natureza e a economia usurpadora da primeira, isso tudo com um “compromisso ético socioambiental”, mediado pela preocupação ambiental e consumo dito como consciente, diante do reconhecimento dos impactos mundialmente propagados pela hegemonia econômica. Essa preocupação emergente, acarretou na valorização das estéticas das paisagens (Luchiari, 2000) e de seu consumo.

Sachs (1993) destaca sobre o ecodesenvolvimento, para reverter ou amenizar a partir da sensibilização dos sujeitos, os efeitos negativos do uso indiscriminado para a comercialização dessa natureza. Isto é, organiza-se levando em consideração as decisões futuras, em conjunto com um esforço pedagógico sobre os papéis sociais. Desta forma o quesito ecológico visando o desenvolvimento, seria alcançado por meio das sustentabilidades social, econômica, ecológica, espacial e cultural.

Os estabelecimentos em áreas de floresta devem desempenhar um papel significativo na promoção de melhorias tanto sociais quanto ambientais, dado que os alojamentos florestais estão intrinsecamente relacionados a ambos esses fatores. Em algumas circunstâncias, observa-se efetivamente a realização dessa integração. No entanto, quando tais empreendimentos são conduzidos sem adequadas fiscalizações e desprovidas de um controle que respeite essas particularidades locais, os hotéis e pousadas ecológicas trilham um curso antagônico, gerador da destruição dos ecossistemas naturais.

Esse caminho contraditório é fruto da apropriação do espaço para o viés econômico, no qual o espaço é apropriado para o uso do turismo dito ecológico, arraigado no discurso da sustentabilidade dos Povos – Rios – Floresta, mas que ao mesmo tempo em que esses empreendimentos se afirmam no espaço e na prática de acumulação de capital, como novos “donos do lugar”, negam as mesmas condições que deram origem a essa mercadoria (Yázigi,

1999) e, conseqüentemente, expropriando desses sujeitos da comunidade do Lago do Tracajá o uso devido dos elementos naturais perante a destruição desta natureza.

### **3. 2 O curso do rio comandando a reprodução social**

O rio sempre se fez presente na vida da população amazônica, afinal a bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo, segundo o Ministério do Meio Ambiente. Sua enorme extensão abrange três tipos de águas, nas quais se distinguem por suas propriedades químicas, físicas e geomorfológicas, estas são as águas; rios de água branca, negras e claras (Sioli, 1991).

[...] o homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional (Tocantins, 1988, p. 233).

O rio demonstra sua importância até na manutenção da floresta transformando em um “oceano verde” (Gonçalves, 2005, p. 44) devido a reciclagem dessa água, ou seja, o ciclo hidrológico no qual volta a abastecer mais para frente os rios.

Para aqueles que apresentam uma maior proximidade dos rios, o mesmo irá representar uma dimensão da vida. É de onde o morador permeia a sua vida por meio da pesca, por onde ele trafega, faz suas atividades domésticas como lavar roupas ou cozinhar. Ele influencia a forma de organização social em um determinado espaço. Essa relação na qual caracteriza os moradores como ribeirinhos, é profunda e até mesmo complexa, em virtude que os cursos de água não são apenas uma forma de sustento, mas é vital para sua existência, identidade e cultura.

Ao utilizar da água do rio como fonte de subsistência, é usada tanto para beber, tomar banho e lavar utensílios domésticos quanto para realizar atividades como à pesca, com instrumentos como o anzol e linha, tarrafa, matapi, rede de arrasto e batção (Silva, 2017, p. 4).

Durante as entrevistas percebeu-se que um grande contingente de moradores trabalha nos hotéis de selva, não se limitando exclusivamente aos inseridos no Lago do Tracajá, mas que destacaram que independente do seu local de trabalho o lago sempre apresenta grande importância para as atividades cotidianas informais ou formais. Percebe-se então, que a comunidade e os hotéis de selva do Lago do Tracajá, usufruem do rio para suas devidas atividades sociais e econômicas.

O rio é importante porque não podemos viver sem a água, é com a água do rio que fazemos a maioria das nossas coisas, tomar banho, beber, pra sobreviver do nosso alimento que é o peixe. Para muitas coisas ele (o lago) é importante, por isso que é importante também a preservação, ter cuidado com o lixo para ela não ficar poluído, isso aqui a gente usa (água do Lago do Tracajá) (Morador (a) - 4).

Bom, aqui tem muito peixe, é bom para pesca esportiva, é por isso que tem muitas pousadas para pesca. É assim que começa os hotéis, e por isso tem um monte nessa região (Trabalhador (a) - 5).

A pesca, atividade ancestral sempre existiu, na Amazônia essa atividade é deleitada por seus moradores que sobrevivem da pesca e variedade dos peixes encontrados, não somente no Lago do Tracajá. A Razão da Amazônia é um dos destinos para o esporte conhecido como pesca esportiva, onde segundo a Empresa Estadual de Turismo (AMAZONASTUR, 2023), o estado do Amazonas já detém oito recordes mundiais nessa modalidade.

Contraditoriamente, a atividade em questão emerge como protagonista de uma considerável parcela dos conflitos territoriais no Lago do Tracajá, constituindo-se em uma ameaça significativa à reprodução social da comunidade, em virtude dos impactos a ela associados, assim como aos estabelecimentos de ecoturismo, notadamente quando contextualizada à da seca de 2023. Este cenário confere ao Lago do Tracajá uma revalidação de sua importância, destacando a relevância dos recursos hídricos e demais elementos a ele ligados, tanto para os empreendimentos locais quanto para a comunidade que, confronta-se com os efeitos da seca, experimentando transformações em suas esferas social, econômica e política.

### **3.3 As relações conflituosas no lago do Tracajá**

Nota-se no decorrer deste trabalho que a atividade predominante no Lago do Tracajá é exclusivamente turística, desde sua implementação em 2007 provocou mudanças espaciais, sociais e, conseqüentemente simbólicas para com a natureza. No que tange às transformações do espaço, é válido ressaltar que a sua produção é condicionada pelas relações sociais e as condições de trabalho oferecidas.

A configuração da Geografia como mundo circundante decorre do fato de que a existência humana é garantida pelo trabalho dos homens. Pelo seu trabalho, os homens transformam a natureza em objetos para consumo e para lhes aumentar a sua capacidade de trabalho. A natureza fornece o material, que o trabalho do homem transformará nos objetos com os quais satisfará suas variadas necessidades (Moreira, 1985, p. 68).

Para entender os conflitos territoriais no Lago do Tracajá é preciso resgatar o conceito de território usado, afinal as relações conflituosas surgem devido ao uso do território nos prismas materiais e imateriais por diferentes atores nele inseridos, pois

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 1999, p.8).

O território usado refere-se então à apropriação ativa do espaço por parte da comunidade, assim como dos empreendimentos de hospedagens. Essas atividades e relações sociais moldam e dão significado ao território, ambos priorizando suas intenções essenciais – uso do território para subsistência, para a realização e manutenção da vida humana –, ou não – uso do território para a acumulação de capital. Apesar de que o homem está inserido num sistema capitalista no qual este pode vir a se tornar essencial, tal quanto pode ser o alicerce para a ascensão das desigualdades sociais, deste modo é necessário analisar a partir do uso do território por diferentes classes.

Desta forma, a comunidade local a partir desse uso, criou um sentimento de proximidade com o lago e ao mesmo tempo como os empreendimentos turísticos que se apropriam igualmente dele – apropriação essa, vista pela comunidade até certo ponto como benéfica, devido ao desenvolvimento econômico e social proveniente dos hotéis.

Fica claro a diversidade de interesses sobre os elementos naturais de um território, proporcionando a presença de várias territorialidades num único território. Esses grupos e/ou indivíduos a partir desse uso geram influencia/impactos em diferentes prismas, tais como: ambientais, econômico, cultural, ideológico etc. Conforme o observado durante a realização da pesquisa.

Essa diversidade de grupos, interesses e poderes contribui para a formação de espaços geográficos e territórios com características variadas e distintas. Tal dinâmica molda a geograficidade do ambiente, na mesma medida em que “as contradições produzidas pelas relações sociais criam espaços e território heterogêneos gerando conflitualidades” (Fernandes, 2009, p. 203)

Os conflitos então são formados pelos interesses opostos de múltiplas naturezas pelos atores sociais que compõe um determinado território. De acordo com Nascimento (2001, p. 94) “os conflitos são meios pelos quais os atores sociais dirimem suas divergências, interesses

antagônicos ou pontos de vista conflitantes, possibilitando que a sociedade alcance certa unidade”.

No Lago do Tracajá, esses conflitos são desencadeados pelo uso da natureza. Onde para a comunidade é o meio de subsistência, o lago é o campo do desenrolar da vida, enquanto para os hotéis são uma forma de acumular capital ao transformar esses elementos em recurso, o lago aqui desempenha o papel atrativo para a pesca esportiva e meio de locomoção para a execução das excursões dos pacotes turísticos.

A contradição presente no território do Lago do Tracajá mostra sua face ao analisar que a mesma atividade tida como benéfica para comunidade é a mesma que não lhes implica a alteridade diante da dimensão da vida para esses sujeitos, enquanto o uso do rio considerando o cenário de seca na região, momento de realização da pesquisa.

Deste modo, constataram-se relações conflituosas dentro do Lago do Tracajá na qual não se restringe ao conflito da rede hoteleira e a comunidade. Pelo contrário, o domínio/uso sobre os recursos ambientais pelos hotéis de selva desperta novos conflitos inerentes à própria rede hoteleira para com outros alojamentos de outros lagos circundantes ao do Tracajá.

### **3.3.1 Rede hoteleira X Comunidade**

Apesar de muito ressaltado pela comunidade do Lago do Tracajá, os benefícios da prática do turismo exercido pelos hotéis de selva e pousadas ecológica, como empregos e renda, encontramos em oposição a essa lógica de acumulação de capital, os conflitos territoriais entre esses empreendimentos e a comunidade local que vem se expandindo, ora pela busca de lucro e pela procura de oportunidades de empregos.

No espaço rural do Tracajá, a floresta envolta de suas residências, bem como o próprio lago são mais que um atrativo turístico, dizendo de modo simples, para essas pessoas é o seu viver e sobreviver. Principalmente nos períodos destinados à pesca esportiva, que se inicia no mês de setembro acordo com a AMAZONASTUR (2023), provocando relações conflituosas entre comunitários e hoteleiros/donos de pousada, principalmente aqueles voltados para o segmento da pesca esportiva.

Segundo o primeiro artigo do Decreto Estadual nº 22.747, datado de 26 de junho de 2002, a prática da pesca esportiva tem como objetivo primordial a preservação do equilíbrio ecológico, dos recursos pesqueiros, bem como a manutenção da capacidade de suporte dos

ecossistemas aquáticos. Desta forma, garantindo o bem estar dos sistemas aquáticos e a capacidade de subsistência das comunidades que dependem do consumo dos peixes.

Para Sarabia (1999), a prática do turismo sustentável deve se ater e abarcar as preocupações com a população receptora da atividade turística, uma vez que essa deve estar integrada ao processo produtivo da região, junto com todo o sistema de comercialização do produto turístico final, no caso do Lago do Tracajá, esse produto é o território usado, onde alguns atores comercializam a imagem da natureza, e até mesmo a cultura e costumes.

Os motivos que desencadeiam tais relações conflituosas têm como motor motriz da questão, os impactos por essa atividade sobre a fauna e flora. Uma vez que a atividade pesqueira, quando não realizada da maneira adequada, pode trazer inúmeros impactos para os ecossistemas aquáticos, incluindo a morte de inúmeras espécies, principalmente devido ao excesso de captura em um rio/lago, ou pela ação das hélices dos transportes fluviais (Gentil *et.al.* 2020).

Analisando o ano em questão e as incursões de campo realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2023, durante os quais o Lago do Tracajá foi observado um nível de água significativamente baixo. Entretanto, também se notou que a prática recreativa de pesca e solta além de enfrentar desafios em sua execução, foi a principal provocadora dos embates no recorte espacial estudado. Emergindo novas problemáticas para a comunidade, que, de maneira informal, delineou áreas específicas do lago destinadas ao uso restrito dos membros da comunidade, consideradas favoráveis para a realização de atividades de pesca, sejam elas de cunho predatório ou esportivo (figura 12).

**Figura 12** – Área de Limite de Pesca



**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Considerando os conflitos decorrentes dessa prática, pactos informais foram instituídos entre os habitantes locais e os proprietários de estabelecimentos hoteleiros no entorno do Lago do Tracajá, almejando melhorias recíprocas. No panorama de 2023, o acordo englobava áreas demarcadas para pesca de uso exclusivo da comunidade, garantindo-lhes o acesso a uma fonte alimentar essencial.

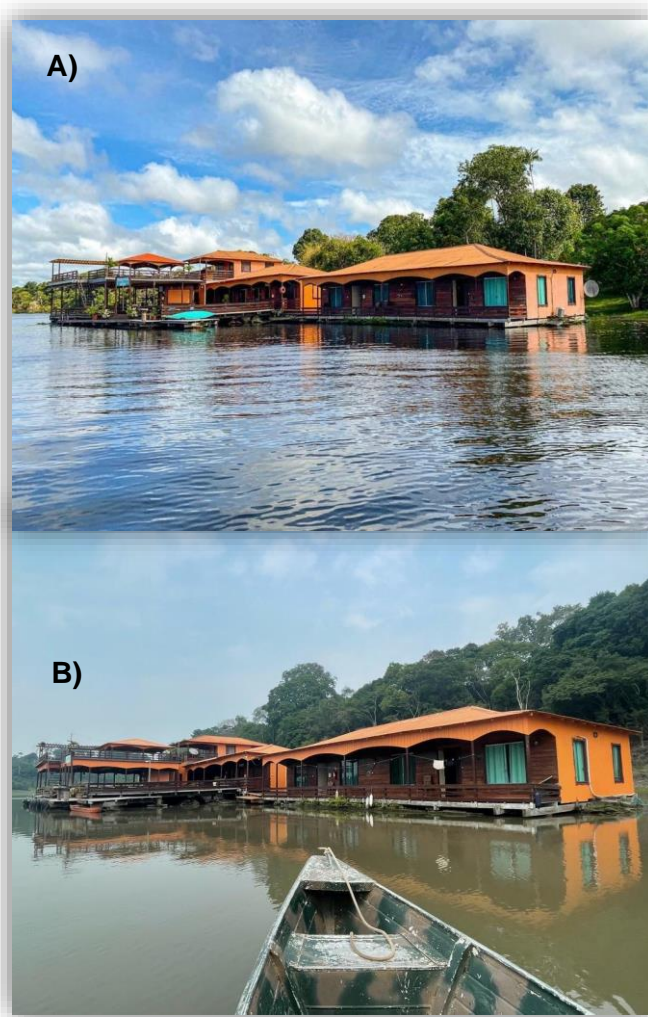
Na comunidade tem o acordo cavalheiro é como chamamos, entre a comunidade e os hoteleiros. Esse acordo é só aqui na comunidade, nós comunitários com os hoteleiros, onde eles pescam aqui dentro e ajudam a comunidade. Mas esse acordo nunca foi cumprido, e é por isso que tem os conflitos. É um acordo entre amigos, desde 2010 tem esse acordo. Tem uns hoteleiros que moram aqui na comunidade, são comunitários, e acham que tem mais direito pelo fato de serem moradores (Morador (a)-5).

Os acordos não são cumpridos, é uma briga doida. Eles não cumprem. Aqui no lago só pode entrar dez botes de manhã e dez de tarde, só para não ter muito banheiro. Olha como o lago tá baixinho, a água fica muito suja pra gente que consome a água. Só que eles (donos) não obedecem, eles põem muitos grupos. Ai o que acontece, tem os fiscais (pessoas da comunidade) mas eles não respeitam, entram aqui dentro do lago com tudo. Tem uns donos que entendem, mas outros não (Morador (a)-4).

Alguns estabelecimentos hoteleiros especializados em turismo ecológica, voltados principalmente para um público majoritariamente estrangeiro, por ser um turismo seletivo,

devido aos altos valores. Caracterizam-se, nestes casos específicos, por uma modalidade turística mais amena e organizada, em comparação ao turismo de massa que tende a provocar mais impactos negativos que positivos (Silveira, 2014). O consumo dessa atividade turística manifesta-se por meio de observações da fauna e flora, captura fotográfica e participação em caminhadas por trilhas. Contudo, em virtude do volume reduzido do lago, o mesmo se tornou inadequado para acomodar o considerável contingente de embarcações dos empreendimentos e moradores locais, tais como botes e rabetas, emergiram complicações, resultando em danos aos peixes causados pelas lâminas dos motores ou pela morte decorrente da inadequada qualidade da água (figura 13).

**Figura 13** - Mosaico da Diferença Entre a Cor da Água nos Períodos de Cheia e Seca



**Figura A)** A foto demonstra a vista para o hotel de selva Amazon Mureru Lodge em período de cheia em 2022

**Figura B)** A foto demonstra a vista para o hotel de selva Amazon Mureru Lodge em período de seca em 2023.

**Fonte:** Amazon Mureru Lodge, 2022.

**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Nessa perspectiva, faz-se questionar os empreendimentos ecológicos ou de ecoturismo, segundo o Mtur que trabalhou em conjunto com EMBRATUR para propor Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo que conceituam essa atividade como

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (2010).

Diante ao alto fluxo de movimento de botes, que gerava banzeiros constantes, os moradores relataram que “viram partes” do Lago do Tracajá se transformar em lama, os impedindo de realizarem suas atividades domésticas (figura 14).

**Figura 14** – Sedimentos em Movimentos Devido o Motor dos Transportes Fluviais



**Foto:** Shaquira Cherlen Rocha de Albuquerque, 2023.

Essa realidade acentuada pela diminuição do nível da água do lago, tem provocado na comunidade relações desarmoniosas entre proprietários e comunitários perante ao uso desse territórios para suas reproduções. Evidenciando as relações de poder espacializadas, por meio da apropriação da natureza.

A cada ano aumenta as pousadas, aumenta a quantidade de botes. Todo mundo quer pescar aqui dentro. Tem pessoas daqui em que trabalham em hotéis. Um morador é piloto (guia de pesca), aí ele trabalha no hotel e não quer perder o emprego. Aí o morador quebra a regra, e começa o conflito, tira todo o direito dele, que não deveria fazer e é o primeiro que não cumpre o acordo (Morador (a) – 4).

Como indicado ao longo das entrevistas, a introdução de práticas culturais externas, como a tradição de "dar gorjetas", é citada como um fator motivador adicional, de acordo com alguns membros da comunidade, que contribui para a quebra do acordo informal. Este acordo não é plenamente aceito por alguns proprietários de hotéis de selva, que expressam descontentamento em relação à restrição de áreas no lago. Tais proprietários interpretam essa medida como uma ação autoritária por parte da comunidade, especialmente considerando que os pacotes turísticos são comercializados antecipadamente, estabelecendo expectativas prévias sobre o consumo do turista dentro do alojamento.

Ao serem questionados sobre a possibilidade do aumento desse equipamento turístico dentro do Lago do Tracajá, a resposta imediata foi o anseio compartilhado por toda a comunidade de que não se criem mais alojamentos ou pousadas ecológicas. Uma vez que isso, contraditoriamente, começou a se tornar o oposto da lógica proposta pelos empreendimentos.

O que a gente que é da comunidade, quer que não tenha mais. Porque o fluxo de gente, querendo ou não querendo, destrói, vai acabando as coisas. Por que são muito (botes com turistas), por exemplo, em época da pesca esportiva tem muito bote, tem muito pescador, acaba que a gente (comunitários) não pega muito peixe, porque esse fluxo gera muito banzeiro. Então o que a comunidade quer é que não tenha mais, eu espero que daqui uns 15 anos não tenha mais tantos (alojamentos florestais e pousadas) (Morador (a) - 3).

O Estado, apesar de oferecer cursos que visam qualificar a mão de obra, apresenta-se falha devido à escassez e má divulgação desses recursos valiosos, pois foi observado nos relatos que existe a empregabilidade de atores que não estão aptos para lidarem com a alta demanda e, conseqüentemente, com esse ecossistema frágil, como por exemplo, indivíduos de menores, resultando na sua degradação da natureza. Ademais, outro fator concomitante a isso é a falta de interesse da comunidade em realizá-los, no entanto, o motivo maior é a ausência de adaptabilidade para a realidade destes trabalhadores, visto que muitos trabalhadores antigos do Lago do Tracajá não sabem ou apresentam dificuldade para ler e escrever de acordo com o Líder da Associação de pousadas, hotéis de selva e similares do complexo Mamori/Juma/Tracajá e Maçarico.

### 3.3.2 Rede hoteleira X Rede hoteleira

Esses conflitos não se limitam somente aos hotéis de selva/pousadas e comunidade, mas está presente nas relações da própria rede hoteleira. Assim, nos deparamos com um novo conflito pelo uso do território, ou seja, ao uso dos recursos naturais para tal prática, principalmente em temporadas de pesca esportiva no Lago do Tracajá.

O município de Careiro Castanho possui 40 alojamentos florestais e pousados, sendo 26 encontradas no complexo dos lagos do Mamori - Juma - Tracajá e Maçarico, segundo a Cadastur, em 2023. Entretanto, segundo moradores, trabalhadores e donos de alojamento e pousadas, o número dos empreendimentos são maiores, posto que estes não contam com a licença para a atuação.

O conflito, principal, entre as redes hoteleiras tem como cerne da questão o uso do território do Lago do Tracajá para uso exclusivo dos hotéis que lá estão inseridos. Considerando o período de realização da atividade e o acordo cavalheiro que restringiu a quantidade de botes que podem adentrar o lago, embora não passe de uma proposta, a ideia vem dividindo discursos entre a rede hoteleira, que se fragmentou tornando-se duas, a segunda não sendo oficializada.

A gente tá no Lago do Tracajá, existem seis hotéis aqui dentro já. Cinco funcionam e um está sendo construído, a gente tá numa área privilegiada onde tem os maiores peixes e a gente luta por essa preservação. Não é à toa que a gente está o tempo todo trabalhando esse lado da preservação. Tem o Lago do Maçarico, caso você vá, você vê que tem vários hotéis, mas o lago lá já foi todo destruído, os hoteleiros de lá vem pescar aqui dentro do Lago do Tracajá. Aí chegam a falando lá na entrada (Boca do Tracajá, onde tem a fiscalização feita pelos próprios moradores) “se já tiraram os meus botes”. Você acha que está certo? Eu sair do meu local, onde eu construí meu empreendimento, onde eu estudei e montei o meu negócio, onde eu estou numa boa localização para eu trabalhar? Eles estão construindo hotéis sem ter lago. Ai destrói isso aqui (natureza) e acaba para todo mundo (Proprietário (a) de hotel/pousada - 1).

Apesar da iniciativa para privatizar o lago para fins lucrativos, não ser aceita pela Associação de pousadas, hotéis de selva e similares do complexo Mamori/Juma/Tracajá e Maçarico, onde este demonstrou preocupação em conjunto com a Associação Comunitária de Produtores Rurais do Lago do Tracajá em conciliar os interesses, nos quais beneficie a esfera social e econômica, evitando o surgimento de novos conflitos, ainda existe o acarretamento do descontentamento da população local para com os hotéis de selva e pousadas de outros lagos.

A produção e o consumo da natureza – ‘dos lugares’ do turismo – criam contraditoriamente sua própria destruição. A ideia de ‘voltar’ à natureza, de considerar o campo bom em relação a cidade é destruída com a ideia do progresso [...]. Ao se produzir um espaço para ser consumido como lugar turístico, destrói-se assim, as próprias condições que deram origem a esta ‘mercadoria’ que tanto é parte da indústria como de serviços. Um consumo coletivo da natureza que é ao mesmo tempo a destruição coletiva da mesma natureza. um consumo coletivo que tem como principal agente a iniciativa privada e como principal ‘regulador’ o Estado (Rodrigues, 2002, p. 62).

Conforme o que foi visto anteriormente, esse fenômeno está atrelado com o desenvolvimento econômico fruto da atividade turística, e com o vislumbre do crescimento financeiro individual é o vetor principal para o crescimento exacerbado dos hotéis e pousado ecológico. A procura por áreas nas quais apresentem uma boa disponibilidade desses recursos e que supram a demanda turística se torna inevitável, essa quando não bem gerida gera impactos nos meios físicos, econômicos e socioculturais (Jafari, 1994).

Devido a isso, a dependência econômica sobre os recursos naturais para a sua afirmação, produz problemáticas tanto no âmbito ambiental, quanto social. Isso é claro, emerge a partir das relações conflituosas que estão alicerçadas a fatores que possuem em seu âmago a acumulação capitalista e o prisma da vida e da identidade de um povo/comunidade de determinado lugar receptor desta atividade, em contraponto.

Há também, conflitos entre os donos de hotéis que tentam impedir o surgimento de novos empreendimentos no Lago do Tracajá, entretanto é em vão, uma vez que o mercado turístico se tornou “dono” das relações sociais, econômicas e políticas do Lago do Tracajá, os tornando dependentes dessa indústria.

Parafraseando Santos (2021), e comparando com a realidade encontrada durante a pesquisa *in loco*, temos que esse território que ganhou e ganha novos conteúdos, e a partir desses conteúdos que inseriram e inserem essas formas e estruturas no Lago do Tracajá, antes não vistas até 2007, deve-se às possibilidades de circulação do dinheiro, das ideias e informações e dos homens. Nessa perspectiva, encontramos a dialética graças a presença de múltiplos prismas sobrepostos em um único território, tais como os interesses de hoteleiros e comunitários, o consumo e a conservação desta natureza ou até mesmo as concepções locais e internacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar, historicamente, o Lago do Tracajá, após a implementação dos hotéis de selva, os mesmos apresentam forte influência na configuração do território, em que contribuem para mudanças significativas na esfera social e ambiental, uma vez que essa está sendo uma das mais prejudicadas com o aumento significativas da rede hoteleira, ou seja, dos equipamentos turísticos.

O território conforme Santos, é o território usado uma vez que ele é ocupado, explorado e, conseqüentemente, modificado pelas vivências dos diversos atores que nele estão inseridos, desta forma encontramos, além do prisma social, as influências do enfoque econômico, político e cultural que se expressam nesse recorte espacial. Destacando assim, como o território é multifacetado.

Ao analisar o Lago do Tracajá nesse enfoque territorial, percebe-se as relações sociais que antes eram moldadas quase exclusivamente pela subsistência passou a ser visto como um recurso de alto retorno financeiro para atividades econômicas do turismo, criando novas territorialidades e, principalmente, o aumento de pousadas e hotéis de selva que visam atrair turistas para experiências na Amazônia “intocada”, mas que estas provocam um desordenamento territorial. Mostrando a ausência de uma gestão territorial e ambiental, onde esta é, um exercício para a sustentabilidade feito através de instrumentos administrativos.

Essa por sua vez, não pode ser vista isolada do Poder com letra maiúscula, onde independente da escala na qual é mencionada, segue a lógica global de acumulação de capital, com suas políticas públicas voltadas para o turismo e ao mesmo tempo para essa natureza. Demonstrando a situação paradoxal no qual o mesmo está inserido, ora com políticas que legitimam a apropriação material e simbólica para o acúmulo de capital, ou em defesa desse meio ambiente por meio de instituições de defesa de qualidade desse meio ambiente.

A paisagem natural, tão apreciada por sua imagem grandiosa amplamente difundida, modifica-se conforme é consumida pela lógica de produção de capital que modifica sua configuração espacial, essa ocasiona um processo de contradição para essa paisagem que se torna ameaçada e escassa pelo mesmo fator que fazem crescer os empreendimentos tão procurados pelos turistas que foram movidos pela cobiça de presenciarem a realidade fantasiada e até certo ponto estereotipada, de estar dentro da Amazônia.

O ecocapitalismo, mostra a redundância e oposição do termo desenvolvimento e sustentabilidade, uma vez que o desenvolvimento sustentável visa o desenvolvimento

econômico em cima da conservação ambiental para satisfazer as necessidades das gerações presentes sem alterar as gerações futuras (Comissão de Brundtland, *Nosso futuro comum*, 1987), fazendo questionar, diante o exposto onde está a sustentabilidade do presente e futuro pregado pelo esconegócios.

Entretanto, essa natureza é para muitas comunidades ribeirinhos, tradicionais, quilombolas e etc. Um território imaterial na mesma medida em que sua materialidade, independente do avanço dos processos de urbanização, parte intrínseca ao avanço dessa atividade e que reflete em seus modos de perceberem o espaço, ainda possui valor nas reproduções suas vivências. Como por exemplo, o lago que cerca a comunidade do Tracajá, visto como fonte principal das suas subsistências, de lazer, e meio para a realização de atividades domésticas dos comunitários, mas que vem sendo ameaçado pelas temporadas de pesca esportiva, aumento no fluxo de botes da rede hoteleira ou pelos períodos de seca que maximizam tais problemáticas.

A produção social tem como base as próprias interações sociais, nas quais são específicas a sua própria localidade bem como a forma de apropriação desses espaços e dos elementos matérias dispostos no mesmo para satisfazer suas necessidades, culturais, econômicas ou políticas. Essa prática demonstra a configuração dos grupos e indivíduos por meio das classes, proporcionado a diferenciação dos espaços pelas técnicas e influencias das mesmas movidas pela economia.

Diante disso, nos deparamos com os conflitos territoriais pelo seu uso. Esses conflitos perpassam os embates entre rede hoteleira e comunidade, como acontece entre no cerne da própria rede hoteleira diante da falta de ordenamento e planejamento turístico. Ocasionalmente inúmeros impactos ambientais e não condizem com o termo ECO, usado com frequência para as atividades turísticas inseridas dentro da Amazônia.

Assim, é revelado que os embates tem origem sobre a disputa por um mesmo recurso natural. Percebe-se então a existência várias formas de manifestação dos conflitos, uma delas é o conflito entre comunidade x o setor turístico, em que irá acarretar e ser acarretada por/em impactos nas territorialidades construídas nos moradores e para o meio ambiente.

Em áreas de floresta tropical, como o caso da Amazônia, o espaço é mercantilizado pelas mídias e o setor turístico, vinculado a lógica de acumulação capitalista global, que tentam legitimar o discurso do ecológico e sustentável ao mesmo tempo em que a comunidade local se encontra face a face das interferências em seus modos de vida.

Por ser alvo dos processos, estruturas e formas, as produções sociais não se tornam isentas as quebras de tradições e cultura, ou seja, o lugar é territorializado pelo mercado do

turismo, ao induzir a população a abrir seus próprios empreendimentos em frente a esperança de lucro, alicerçada na visualização de que essa natureza não se restringir somente ao campo da vida, mas como uma ampliação da renda. Ao se instalar nos lugares, como foi o caso do Lago do Tracajá, a dependência do turismo foi a principal razão das contradições encontradas nesse território, que apesar dos desafios encontrados pelos moradores, os mesmos tendem a abrir seus próprios negócios em função do lucro.

Acompanhado da inserção da prática do turismo, não se pode negar os benefícios que os hotéis de Selva e pousadas ecológica trouxeram e proporcionam para a comunidade do Lago do Tracajá. No entanto atentar-se para a realidade, negando a alienação dos meios informacionais é mais do que necessário, pois somente assim, será possível superar ou amenizar as contradições e conflitos presentes no território pela atividade turística. Alcançando também o conceito de sustentabilidade em sua pluralidade, essencial para a região Amazônica, resguardando sua diversidade de fauna, flora, povos e comunidades. Ou seja, fatores que são imprescindíveis para as Amazônias, respeitando seus limites e diferenças, nas quais algumas vezes são deixadas de lado pelo turismo.

Essas relações de poder que possuem capacidade de modificar territorialidades na mesma medida de em provoca a deterioração dos povos, rios e florestas não se resumem apenas a realidade encontrada ao Lago do Tracajá. A uma necessidade preeminente para que haja o planejamento do turismo, respeitando a supremacia das territorialidades e particularidades da população e do lugar que se encontram ali presente, pois isso é respeitar seus modos de vida sem perder os atributos locais.

Apesar dos esforços das associações entrevistadas em buscar soluções para resolver as problemáticas que assolam e acentuam-se em determinados períodos dos anos pela atividade turística, perguntas não podem deixar de serem fomentadas ao se analisar tal temática que cerca o Lago do Tracajá. Tal como se ainda existirá permanências simbólicas para com esse lago e floresta diante o seu valor mercadológico?

Faz-se questionar também até que ponto, essa natureza continuará a satisfazer as necessidades dessa atividade como fenômeno econômico, ao comercializar a imagem da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 23-69, 2004.

ALVES, Flamarion Dutra. Considerações sobre métodos e técnicas em geografia humana. **Dialogus, Ribeirão Preto**, v. 4, n. 1, p. 227-241, 2008.

BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização em turismo**. Papirus, 1996.

BECKER, Bertha K. A Amazônia e a política ambiental brasileira. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 3.<sup>a</sup> ed. 2011.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 1989.

Brasil. **Pesca esportiva: Portal de Investimentos reúne projetos que reforçam a atividade no país**: Reconstrução de parques marinhos; criação de fazendas de corais; e implantação de complexos turísticos estão entre as iniciativas, favorecendo a circulação de viajantes e ampliação da atividade. [S.l.]: Ministério do Turismo, 24 de nov.2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/pesca-esportiva-portal-de-investimentos-reune-projetos-que-reforcaram-a-atividade-no-pais>. Acesso em: 3 de janeiro de 2023.

BRAUN, V & CLARKE, V. (2013). **Successful qualitative research: A practical guide for beginner**. Londres: Sage Publications.

BRUHNS, Heloisa. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 32, n. 2, p. 157-164, 2010.

CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local. **Geografia e turismo. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, p. 94-121, 1996.

Comissão de Brundtland, *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1987

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SILVA, SB De M. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. **América Latina: cidade, campo e turismo**, p. 367-378, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Z. Economia, cultura e espaço: uma introdução. **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 8-12, 2010.

CORRÊA, T. **Reflexões sobre turismo e mercado turístico: o caso do Brasil e dos Estados Unidos na perspectiva do turismo ecológico como negócio**. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. Turismo: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000. 94-101p.

CUNHA, Euclides da. **A margem da história**. São Paulo: Cultrix/INL/MEC, 1975, p.32.

FARIA, Ivani Ferreira de. **Ecoturismo indígena. Território, sustentabilidade, multiculturalismo: princípios para a autonomia.** 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, p. 197-215, 2009.

FREUD, Sigmund. The relation of the poet to daydreaming. Collected papers. Vol, IV. **Translated by Jean Riviere (1948).** London: Hogarth Press, 1908.

GENTIL, Eduardo; MACHADO, R.; DANTAS, D. V. Pesca esportiva e conservação ambiental: uma interação possível?. **QUALIDADE AMBIENTAL E**, p. 147, 2020.

GOMEZ-POMPA e KAUS, A. (1992). "**Taming the wilderness myth**", Bioscience 42 (4).

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A invenção de novas geografias: a natureza e o homem em novos paradigmas. SANTOS, M. et al. **Territórios, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** Rio de Janeiro: Lamparina, p. 375-409, 2007.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias.** Editora Contexto, 2005.

GRUPO DE TRABALHO INTERMINISTERIAL MMA-MICT-IBAMA-EMBRATUR Diretrizes para a política nacional de ecoturismo. 1994, 18p. Disponível em: <https://www.ecobrasil.eco.br/3-secao-geral/categoria-projetos/978-diretrizes-ecoturismo-introducao>. Acesso em: 31 de Dezembro de 2023.

HAESBAERT, Rogério et al. Concepções de território para entender a desterritorialização. SANTOS, M. et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**, v. 3, p. 44-71, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialização numa perspectiva geográfocultural integradora. In: SERPA, Ângelo (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações.** Salvador: EDUFBA, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do " fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In CORRÊA, R, L; ROSENDAHL, Z, (og.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 169-190.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Conflitos territoriais na estratégia de preservação da natureza. SAQUET, Marcos Aurélio e SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro (RJ): UERJ, p. 149-168, 1999.

HOPKINS, Jeff. **Mapping of cinematic places: icons, ideology and the power of (mis)representation.** In: AITKEN, Stuart C.; ZONN, Leo E. Place, power, situation and spectacle. A geography of film. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1994, p. 47-65.

INSTITUTO DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO ESTADO DO AMAZONAS – IPAAM.  
Disponível em: <http://www.ipaam.am.gov.br/a-instituicao/> . Acesso em: 30 de Janeiro de 2024.

JAFARI, Jafar. La Cientificación del Turismo. In: Revista **Estudios y Perspectivas in Turismo.** Vol. 3,N.1, enero, 1994.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In. RODRIGUES, Adyr. Balastrieri (org). **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo: Hucitec, 1999.

LACOSTE, Yves. A quoi sert le paysage? Qu'est-ce un beau paysage? In: ROGER, Alain (org.). **La théorie du paysage en France (1974-1994).** Paris: Champ Vallon, 1995, p. 42-73.

LEFÉBVRE, Henri et al. **De lo rural a lo urbano.** Barcelona: Península, 1978.

LEFÉBVRE, Henri. **Espaço y política.** (1ª ed. 1973) Barcelona. Ediciones Península, 1976.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Ed34, 1999

LINDEMBERG; Kreg; Hawkins; Donald (1995) **Ecoturismo – Um guia para planejamento e gestão.** São Paulo: Senac.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade.** Série Antropologia, Departamento de Antropologia Instituto de Ciências Sociais Universidade de Brasília, 2002.

LUCHIARI, Maria Teraza Duarte Paes. Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. **Revista Turismo em Análise**, v. 11, n. 1, p. 35-43, 2000.

M. T. U. R, ECOTURISMO: Orientações básicas. **Brasília: Ministério do Turismo**, 2010.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 7ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCOS, Valéria. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 105-136, 2006.

MARTINELLI, Marcelo. A imagem figurativa e a imagem cartográfica no turismo. **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**, 2001.

MARX, Karl. O Capital, livro I, tomos 1-2. Tradução F. Kothe. São Paulo: Abril, 1983.

MATTAR, Fauze N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MOREIRA, R. (1985). **O que é geografia**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense.

MOTTA, Márcia. **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Os conflitos na sociedade moderna: uma introdução conceitual. **A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 85-105, 2001.

PADILLA, Óscar de La Torre. El Turismo: fenómeno social. 2. ed. **México: Fondo de Cultura Económica**, 1997.

PAGÈS, M., BONETTI, M.; GAULEJAC, V. **O poder das organizações**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

PROSS, Harry. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona: Antrophos, 1989.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**, v. 1, p. 17-35, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (ORG). **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, p. 55-62 - 2002.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Geografia e Turismo-notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 6, p. 71-82, 1992.

SACHS, Ignacy et al. Estratégias de transição para o século XXI. **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, p. 29-56, 1993.

SANTOS, M, et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**, v. 3, p. 44-71, 2002.

SANTOS, M. “**O dinheiro e o território**”, Geografia, Niterói, vol. 1 nº 1, p. 7-13, 1999.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.2014.

SANTOS, M. **O papel ativo da geografia. Um manifesto**. Florianópolis: XII Encontro Nacional de Geógrafos, 2000.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2021.

- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 1994.
- SARABIA, Raul H. Ortiz. **Educação Ambiental na Região Amazônica e Desenvolvimento Sustentável**. Universidade do Amazonas: Manaus, 1999.
- SCHWARTZ, Gustavo; DO CARMO LOPES, José. **Florestas secundárias: manejo, distúrbios e sistemas agroflorestais**. 2018.
- SILVA, Iêda Rodrigues da. **Modo de vida ribeirinho: construção da identidade amazônica. Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Humanas. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, 2017.
- SILVEIRA, M. A. T. da. **Geografia Aplicada Ao Turismo: Fundamentos Teóricos Práticos**. Curitiba: InterSaberes, 2014.
- SIOLI, H. **Amazônia: fundamentos da ecologia da maior região de floresta tropicais**. 3 ed. 94 Petrópolis: Vozes, 1991.
- SOARES, D. 2001. **Pesca amadora**. Ed. Nobel, São Paulo, SP.
- SOUZA, M. L. **Mudar a cidade: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 558p.
- SPIRKINE, A. YAKHOT, O. **Princípios do Materialismo Dialético**. S. São Paulo: Estampa, 1975a.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida a vida: Uma interpretação da Amazônia**. 9ª Edição. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.
- TORRES, Nathália. Amazonastur e Cetam alinham estratégias para oferecer cursos profissionalizantes aos agentes do setor. [S.l.]:AMAZONASTUR, 18 de Janeiro.2024. Disponível em: <https://www.amazonastur.am.gov.br/amazonastur-e-cetam-alinham-estrategias-para-oferecer-cursos-profissionalizantes-aos-agentes-do-setor/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.
- TUAN, Yi-Fu. Thought and landscape: the eye and the mind's eye. In: MEINIG, Donald W (ed.). **The interpretation of ordinary landscapes**. New York: Oxford University Press, 1979
- UNWIN, K. I. The relationship of observer and landscape in landscape evaluation. **Transactions of the institute of british geographers**. 1975, 66 (1), p. 130-134.
- WHITHEHEAD, A. **O conceito da Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Orig. 1920).

WOLFF, Francis. 2005. "Por trás do espetáculo o poder das imagens". In: Aduino Novaes (org.), *Muito além do espetáculo*, São Paulo: Editora SENAC. pp.16-45.

YÁZIGI, Eduardo. **Devaneio e Crítica Preliminares ao Papel da Fantasia na Paisagem.** *Paisagem e Ambiente*, n. 12, p. 253-287, 1999.

## APÊNDICE

### PERGUNTAS NORTEADORAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

**Público entrevistado, entrevistas realizadas a partir de 4 grupos diferentes  
(Trabalhador comunitário, proprietários de hotéis de selva, turistas e comunitários)**

#### **Para os trabalhadores e comunidade**

- 1) Você já trabalhou em outro ambiente que não fosse hotéis de selva? (**Trabalhadores**)
- 2) Desde que você começou a trabalhar aqui no hotel, o que você acha que mais mudou, seja na forma que o hotel é decorado, ou algo quemudou para atrair mais turistas? (**Trabalhadores**)
- 3) Qual a sua relação com os hotéis? (**Comunitários**)
- 4) Como você acha que vai está o Lago do Tracajá daqui 20 ou 30 anos? acha que estará mais urbanizado ou mais poluído? (**Comunitários**)
- 5) Você acha que pode surgir algum outro tipo de atividade econômica que gera mais lucro ou que pode ser implementado por algum outro potencial para esse espaço? (**Comunitários e trabalhadores**)
- 6) Você notou mudanças em Lago do Tracajá em relação a práticas culturais desde o aumento de hotéis de selva? (festividades, crenças em mitos, formas hábitos alimentares) (**Comunitários e trabalhadores**)
- 7) Como era a comunidade antes dos hotéis de selva? (**Comunitários**)
- 8) Você percebeu mudanças no espaço, como expansão da área mais urbanizada desde o surgimento dos primeiros hotéis de selva? Quais? (Uso da internet, serviços e equipamentos urbanos - Bancos, salões bar, gastronomia) (**Comunitários**)

- 9) Como você vê a relação da comunidade com os hotéis de selva? (**Comunitários e trabalhadores**)
- 10) Por que você acha que no Lago do Tracajá existem muitos hotéis de selva? (**Comunitários e trabalhadores**).
- 11) Qual a sua percepção sobre afloresta/rio=biodiversidade (povos-rios-florestas) que cerca o Lago do Tracajá? (por exemplo: uma fonte que gera lucro, pois atrai pessoas de outros lugares ou algo que carrega mitos e lendas). (**Comunitários**)
- 12) Você acha que a concorrência entre os hotéis de selva, refletem na comunidade? (**Comunitários e trabalhadores**)
- 13) O que você acha que permaneceu, seja referente a algumas práticas alimentares, alguma construção, algum lugar que é simbólico e se manteve por causa desse valor? (**Comunitários e trabalhadores**)

#### **Para os proprietários de hotéis de selva**

- 1) Você nasceu em comunidade do Lago do Tracajá? Se não, onde e qual o intuito que levou você ir para o lago do Lago do Tracajá.
- 2) Você trabalha no ramo de hotéis de selva há muito tempo?
- 3) O que levou você a abrir um hotel de selva, aqui e não em outro lugar?
- 4) Você possui a posse da terra?
- 5) Já houve alguma complicação em relação à posse da terra antes de você construir o hotel de selva, ou até mesmo após você construí-lo?
- 6) Qual o tipo (categoria) do seu hotel de selva?
- 7) Por existe muitos hotéis de selva e como você lida com a concorrência?

- 8) A concorrência entre os hotéis de selva gera disputas? (como por exemplo, expandir a área do hotel para a criação de lugares mais atrativos, ou por outras áreas de floresta/rio para fazer roteiros turísticos)
- 9) Qual as mudanças que você percebeu na comunidade desde que o seu ou outros hotéis de selva surgiram?
- 10) Qual a sua percepção sobre a floresta e por que você acha que a visão da comunidade e os dos turistas são diferentes?
- 11) Todos os trabalhadores dos hotéis de selva são da comunidade? Ou existem trabalhadores de outros municípios?
- 12) Por que você acha que no Lago do Tracajá possui tantos hotéis?
- 13) Você oferece algum treinamento diferente aos trabalhadores, como cursos de outros idiomas para os trabalhadores lidar com o público de fora?
- 14) Você acha que no futuro, algum outro ramo irá ser mais predominante que os hotéis de selva no Lago do Tracajá?
- 15) Quais os melhores atrativos do seu hotel ou o que você oferece de melhor ao seu turista? Por que ficar no seu hotel? Qual o diferencial para os outros hotéis?
- 16) Qual a sua percepção sobre a floresta/rio=biodiversidade (povos-rios-florestas) que cerca o Lago do Tracajá? (por exemplo: uma fonte que gera lucro, pois atrai pessoas de outros lugares ou algo que carrega mitos e lendas).

### **Para os turistas**

- 1) De onde você é?
- 2) É a sua primeira vez conhecendo a floresta amazônica?
- 3) O que fez ou faz você querer conhecer a floresta amazônica?

- 4) O que mais chamou sua atenção desde que você começou a conhecer a floresta e comunidade?
- 5) É a sua primeira vez hospedado em um hotel de selva? E o que você acha da experiência proporcionada por eles?